

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

*A Relação Educadora-Criança no Âmbito do Domínio da Expressão  
Plástica numa Sala de Jardim de Infância.*

Maria José Carvalho dos Santos de Abreu Lopes d'Orey Bobone

Relatório final realizado no âmbito da Área Científica da Prática de Ensino  
Supervisionada Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora Mestre Helena Quintela

Ano Letivo 2012/2013

Lisboa

Fevereiro de 2014

---

« Sou um artista e pinto...um cavalo azul e...um crocodilo vermelho e...uma vaca amarela e...  
um coelho cor de rosa e...um leão verde e...uma raposa roxa e...um urso polar preto e...um burro  
às bolinhas. Sou um bom artista. »

**Eric Carle**

### **Dedicatória**

Dedico este estudo ao meu marido e aos meus filhos, que foram os maiores apoiantes desta minha decisão, de ingressar neste novo percurso académico, levando-me a explorar um mundo diferente. O mundo das crianças, do ensino e das artes.

## **Agradecimentos**

À minha família e amigos que me apoiaram incondicionalmente, em particular:

Ao meu marido pela sua paciência e compreensão face às minhas ausências, pelo seu apoio nos momentos de maior fragilidade e, sobretudo, pelo apoio que deu aos meus filhos, Helena e Lourenço afim de minimizar a minha ausência enquanto mãe.

Aos meus filhos Helena e Lourenço pelos miminhos que me foram dando ajudando-me desta forma a lutar pelo que queria.

Aos meus pais pelo apoio dado em relação aos meus filhos sempre que lhes foi possível.

À Professora Helena Quintela, por ter aceite ser orientadora desta investigação. Pela sua disponibilidade para a leitura, comentário e crítica em todas as fases do trabalho desenvolvido; pelos seus oportunos ensinamentos; pelo seu rigor, pelo seu apoio encorajador e transmissor de confiança e amizade.

A todas as crianças e adultos com quem me fui cruzando ao longo do curso e que têm, de alguma forma, contribuído para cultivar o gosto que sinto pela Educação de Infância e pela Expressão Plástica na Educação.

## **Resumo**

O relatório que se segue é de carácter qualitativo e interpretativo. Surgiu de uma observação em contexto de Educação Pré-Escolar e com o mesmo pretendeu-se verificar a relação do educador/ criança aquando da prática da expressão plástica em contexto de sala de aula. Deste modo pretendia-se compreender a intencionalidade educativa por parte dos profissionais de Educação de Infância no domínio da *Expressão Plástica* e a sua relação direta com as crianças, no desenvolvimento da mesma.

A recolha dos dados ocorreu numa sala de jardim de infância, pertencente a uma instituição particular situada na grande Lisboa.

Depois de feita uma análise e interpretação dos dados recolhidos através de observação directa, sobre a acção das responsáveis de sala, verificou-se por parte destas uma grande preocupação estética, ou seja, obter a perfeição dos trabalhos segundo os seus critérios pessoais. Esta perfeição pretendida, recai sobre os resultados obtidos em atividades de expressão plástica, deixando para trás a relevância, importância e intencionalidade da natureza da formação inicial e continuada no domínio da *Expressão Plástica*.

Logo é fundamental continuar a observar e a incentivar o desenvolvimento de acções que facilitem o reconhecimento e a valorização desta área do conhecimento.

Palavras-Chave: *Expressão Plástica, Arte, Criatividade e intencionalidade.*

## **Abstract**

The following report is from an interpretative and qualitative nature. It started based on an observation in pre-school education and is intended to observe the child/educator relation when working in plastic expression in the class room. The goal was to understand the educative intentionality by the early childhood educators in terms of *Plastic Expression* mastery and it's direct relation with the children's development. The data was gathered in a private institution's kindergarden classroom located in Lisbon.

After analyzing and interpreting all the data collected thru direct observation, under responsible supervision, it was concluded that there was a quest for esthetic perfection i.e. obtaining the work's perfection by their own personal opinion. This perfection has an impact on the results of plastic expression activities leaving behind the relevance, importance and intentionality of the early teaching in this domain. Therefore is fundamental to continue observing and to incentive the developing of actions that enable the recognition and appreciation of this knowledge area.

Keywords: *Plastic Expression, Art, Creativity and intentionality*

## INDICE

### INTRODUÇÃO

Introdução	9
------------	---

### CAPÍTULO I

#### REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A arte	16
1.2 A arte e o desenvolvimento infantil	19
1.3 A arte e a produção plástica infantil	24
1.4 O papel do educador na valorização da expressão plástica	30

### CAPITULO II

#### METODOLOGIA

2.1 Caracterização da amostra	38
2.2 Cronograma	39
2.3 Procedimentos	40
2.4 Definição operacional dos termos	41
2.5 Metodologia	42

### CAPITULO III

#### ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS

3.1 Análise e Tratamento de dados	46
-----------------------------------	----

### CONCLUSÃO

Conclusão	58
-----------	----

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas	60
Legislação consultada e outros documentos	62

### ANEXOS

Notas de campo	65
----------------	----

## **INTRODUÇÃO**

“A arte é um rio cujas águas profundas irrigam a humanidade com um saber, outro que não o estritamente intelectual, e que diz respeito à interioridade de cada ser”.

Ana Mae Barbosa

## Introdução

O relatório que aqui se apresenta destina-se à obtenção do grau de *Mestre em Educação Pré – Escolar*, no âmbito da prática de ensino supervisionada – PES.

Esta investigação, enquadra-se na temática - *A Relação Educadora-Criança no Âmbito da Expressão Plástica numa Sala de Jardim de Infância* e dentro da mesma surge o problema – *Porque razão a educadora sente necessidade de interferir ao ponto de realizar ou de impor o seu gosto quando propõe trabalhos de expressão plástica.*

Por ser um fenómeno social, e querendo ter a noção de perceções sociais partindo de um estudo de comportamentos, esta investigação de carácter interpretativa e qualitativa entre educadora-criança, observado ao longo do estágio, vai ajudar a encontrar respostas para este problema.

Através da Expressão Plástica as crianças devem poder ser livres de escolher o material, as cores, a maneira de exprimirem os seus sentimentos, representar o ambiente que as rodeia, etc. só assim, a comunicação através da mesma, se torna genuína e saudável, ajudando-as a crescerem e a construírem a sua identidade. Segundo Cardoso e Heitor (1972), “A justa utilização das técnicas em nada pode minorar o florescimento da cultura se, ao mesmo tempo, se não estiolar a livre expansão afectiva e a realização do próprio”.

As Artes/[expressões] são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural [da criança]. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção.(...) A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. (...) As Artes/[expressões] permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social.(...)(M.E./C.N.E.B., n.d.p.149).

No estágio antes referido, reparei que a forma como se trabalhava a Área da Expressão Plástica não correspondia ao que eu esperaria, sendo muito direccionada e não tão valorizada como pensei que fosse no jardim de Infância. Por vezes questionei-me se todo o processo que levava à realização de atividades de expressão plástica, seria valorizado de maneira a desenvolver a criatividade das crianças que as realizavam.

Creio que é importante que se consiga manter a integridade do trabalho da criança e valorizar todo o seu processo e não apenas o final, a parte mais gratificante para a criança é a “produção” da sua criação, é o processo que a faz crescer por “dentro” levando-a a um final em que ela acredita que é capaz de fazer algo que a satisfaça. Todo

este desenvolvimento da criança é de extrema importância e através da expressão plástica todos nós podemos nos expressar de uma forma mais livre, mais verdadeira e até de uma forma mais excêntrica e que de outra forma não o faríamos. Através da mesma é possível gerir frustrações, alegrias, veicular mensagens, viver novas experiências... Como todos os outros tipos de expressões, corporal, musical, etc., a expressão plástica é importante e deve ser valorizada, pois é uma forma de comunicação e a criança estando em fase de desenvolvimento expressa-se através da mesma, de uma maneira mais natural e espontânea, que por vezes de outra forma não o faria devido a limitações emocionais, linguísticas ou até mesmo por falta de confiança.

A [expressão plástica]/arte, desempenha seguramente um papel de maior relevo na constituição das estruturas superiores da personalidade. Como expressão humana, e muito antes de atingir o nível elevado dos valores estéticos, revela-se em manifestações de criatividade espontânea, em expressões emocionais(...).(Cardoso e Heitor, 1972,p.9)

A arte sempre teve um papel importante a nível cultural. É importante, porque nos faz ver o mundo com outros olhos, com maior abertura para o que é novo, estético, diferente, fazendo com que alcancemos um nível de educação cultural mais abrangente, mais diversificado, estando receptivo a novas formas de comunicar. Ao nível da educação, todo este mundo do que é expressão deve ser explorado. “ Nascemos inacabados, mas abertos a determinadas marcas dos outros e do Mundo.” (Cardoso e Heitor,1972,p.9)

Arte e expressão plástica não são a mesma coisa, não têm o mesmo significado, mas ambas ajudam a expressar sentimentos, emoções, frustrações, etc. Ambas usam materiais plásticos para cumprir esse propósito, apesar da expressão plástica, nomeadamente a infantil, não ser desenvolvida com o pretexto de ser contemplada, avaliada, criticada. Esta última, permite que as crianças se descubram e se deixem descobrir, através da mesma e que tenham liberdade para o fazer. Assim como a arte é vista como um reflexo da individualidade do artista e do contexto em que este se insere, também um desenho, uma pintura, uma modelagem infantil, pode ser visto como o reflexo da individualidade da criança.

Através da expressão plástica, conseguimos comunicar o que nos vai na alma, o que de mais significativo temos para partilhar. Foi através da mesma que me fui conhecendo melhor, mostrando a minha sensibilização para a sua importância, até mesmo no meu percurso académico.

Depois de obter uma licenciatura em Design Industrial e tendo direcionado maior parte dos projetos para as crianças, deparei-me com a vontade de trabalhar no direto com elas, com a intenção de apoiá-las e orientá-las no seu processo de desenvolvimento, quer a nível pessoal, social, afetivo, mas também criativo. A criatividade é uma competência que foi e é de elevada importância no meu dia a dia tendo uma enorme relevância na minha maneira de agir ao longo de toda a vida.

“O desenvolvimento do potencial criativo tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento: (...) mas é na educação que ela é mais apropriada para ser estudada.(...) «importa menos como nascemos do que como nos educamos». Isto significa que a educação tem papel fundamental no desenvolvimento da criatividade na criança. Considerando, então, a criatividade como parte de um processo de formação da personalidade, a família e a escola são interações que possuem elementos essenciais.”(Pinto e Blattmann pp.62,63)

Pretendo com isto dizer, que ingressei neste curso de Educação Pré – Escolar, com vontade de trabalhar com crianças de uma forma que as estruture e as prepare para se sentirem livres, capazes de expressar espontaneamente, utilizando a expressão plástica como veículo de comunicação/crescimento. Ao nível da expressão plástica, poderei proporcionar oportunidade de se exprimirem através de diversas técnicas, novos materiais, com total liberdade para explorarem todo o potencial que têm as atividades de expressão plástica, não deixando de estar por perto para apoiar as crianças no que necessitarem.

Depois de ter realizado vários estágios ao longo do curso, conseqüentemente a partir da realidade observada, deparei-me com situações que me suscitaram alguma reflexão. Foram surgindo dúvidas em relação à postura tomada por parte dos educadores, no decorrer das propostas de atividades no âmbito da expressão plástica. Para mim após a observação do grupo em questão e a recolha de notas de campo apercebi-me que gostaria de compreender a seguinte temática: “*A Relação Educadora-Criança no Âmbito do Domínio da Expressão Plástica numa Sala de Jardim de Infância.*”

Esta temática passou a ser orientativa da minha pesquisa. Este estudo partiu de uma pesquisa participante, nesta mesma pesquisa foram recolhidas notas de campo aquando da realização do estágio profissionalizante. Este material de recolha, depois de analisado, ajudará a compreender melhor a intencionalidade da ação do educador de infância e todo o seu contexto envolvente.

Segundo Barrett (1979, citando Lowenfeld) toda a influência do adulto [é neste caso] inibitória do crescimento natural [da criança]. Quero com isto dizer que se um educador estiver permanentemente a questionar o trabalho das crianças e a sugerir formas, cores, etc. está a fazer com que a criança se retraia, se iniba e pense que não consegue fazer o que lhe é proposto.

“ O modo como a criatividade pode ser melhor realizada para a criança é expô-la, através de todos os seus sentidos, às qualidades de vida. Através de experiências directas com fenómenos tácteis, visuais e auditivos, a imaginação e os seus poderes de percepção desenvolvem-se” (Lowenfeld, citado por Barrett, 1979,p.102)

Questões como material, tempo ou espaço não é o mais importante, mas sim a vontade e convicção por parte do educador da importância da expressão plástica para o desenvolvimento da criança, ou seja, o educador deve dar espaço às crianças para que estas realizem atividades de expressão plástica de uma forma pouco castradora e rígida, fazendo com que as mesmas se sintam livres para explorar o mundo ligado às artes plásticas.

Como referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (M.E./D.E.B, 1997), é importante diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos.

Ao longo dos estágios foram surgindo dúvidas, questões, sobre a prática da Expressão Plástica bem como na realização do estágio profissionalizante, também neste surgiram novas questões e inquietações.

Ao realizar atividades de expressão plástica no local de estágio pude observar a pouca importância dada às mesmas, à pouca sensibilização, ao condicionamento e ao pouco tempo disponibilizado por parte da educadora, para trabalhar esta área.

Foi assim, observando esta realidade que fui recolhendo notas de campo afim de tentar compreender o porquê da prática das atividades de expressão plástica serem realizadas desta forma. A partir do mesmo foram surgindo questões tais como:

- De que forma as estratégias adotadas pela educadora podem desenvolver a criatividade e autonomia das crianças do grupo?
- Quais as possíveis estratégias de alteração das “obras” mantendo a sua integridade e o respeito pela Identidade da criança?

- Quais os objetivos que se pretendem atingir com a alteração dos trabalhos de Expressão Plástica?

Na tentativa de obter respostas a estas questões, direcionei a recolha de dados neste sentido, afim de conseguir atingir os meus objetivos. Estes, focam-se na observação de orientações/estratégias utilizadas pela educadora em atividades de expressão plástica, e se os mesmos se encontram de acordo com as orientações/estratégias referidas anteriormente na parte teórica deste relatório.

Este estudo foi realizado na instituição na qual realizei o meu estágio profissionalizante. Esta, é uma instituição de carácter particular, situada na zona da Grande Lisboa. É muito conceituada, tendo mais de 75 anos, com tradição ao nível do ensino, acolhendo gerações e gerações de famílias tradicionais, em busca de um ensino privilegiado, tradicional e católico.

O Projeto Educativo da instituição centra-se na criança/aluno, com o intuito de ajudar a educar uma geração que saiba viver em comunidade, que aprendam a ser solidários e responsáveis, envolvendo os próprios alunos na sua formação e desenvolvimento da sua personalidade, de forma a conseguirem mais tarde tomar decisões responsáveis e estarem sensibilizados para a riqueza dos valores humanos, ou seja, baseia-se na comunicação crítica e sistemática de cultura, englobando a formação cultural, religiosa, humana e social. É uma instituição atenta, interessada em querer que as crianças que a frequentam se sintam integradas e que principalmente atinjam um grau de formação religioso, académico e social, que lhes permita terem um futuro promissor.

Esta instituição tem muitos materiais disponíveis, aptos para a realização de atividades de Expressão Plástica, mas estes eram pouco usados devido ao pouco tempo dedicado a esta área. Neste colégio, existe uma grande preocupação em que as crianças na idade de Jardim de Infância, sejam preparadas para a fase seguinte, 1º ciclo, seguindo o método de João de Deus, iniciando práticas de educação formal no pré escolar, é dada uma grande importância à aprendizagem das letras e dos números, deixando de parte as Áreas de Expressão, tal como a Expressão Plástica, Musical, Corporal. Por semana dedicam-se apenas 45 minutos a cada uma delas.

O grupo em questão, é homogéneo, constituído por vinte e três crianças no total, sendo que treze são rapazes e dez são raparigas, todas estas crianças têm idades compreendidas entre os cinco e seis anos. Este grupo, vem sendo acompanhado pela mesma educadora desde os três anos de idade. Apesar da educadora considerar que a

Área da Expressão Plástica era fundamental para o desenvolvimento e crescimento da criança, o tempo que lhe dedicava era limitado, devido ao referido anteriormente.

Relativamente à estrutura do trabalho, este encontra-se organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo refere-se ao enquadramento teórico em que se dá uma ideia sobre a Arte e o Desenvolvimento Infantil, a Arte e a Produção Plástica Infantil e o Papel do Educador na Valorização da Expressão Plástica. O segundo capítulo refere-se à metodologia usada neste estudo – Métodos de pesquisa e escolha de instrumentos, recolha ( notas de campo, como suporte para recolha de informações) e tratamento de dados. O terceiro e último capítulo, é referente à análise interpretativa dos dados, onde é feita a análise e tratamento da informação recolhida procedendo-se à organização e interpretação dos dados.

Os dados recolhidos foram analisados tendo em vista a amostra escolhida, procurou-se observar a relevância da expressão plástica neste grupo, as estratégias utilizadas pela educadora para incentivar a prática da mesma, a apresentação dos trabalhos e as razões para alteração, adaptação ou “embelezamento” dos trabalhos das crianças. Este capítulo é seguido de uma conclusão, onde se pretende responder aos objetivos propostos neste relatório. No final apresenta-se a bibliografia e anexos.

Com este estudo pretendo aprofundar os meus conhecimentos sobre as atuações dos educadores, aquando do desenvolvimento de atividades de expressão plástica, nomeadamente perceber as estratégias usadas para desenvolver a autonomia e criatividade das crianças, o tipo de materiais explorados, etc., afim de proporcionar às crianças novas experiências e que estas se reflitam no desenvolvimento das mesmas, dando-lhes a possibilidade de ir mais além, de sentirem que têm liberdade para se exprimirem através da expressão.

**CAPÍTULO I**  
**REFERENCIAL TEÓRICO**

O enquadramento deste estudo foi feito partindo do conceito de arte e a sua influência no desenvolvimento infantil, a arte e a produção plástica infantil e por fim o papel do educador na valorização da expressão plástica.

Falar de arte e expressão plástica encaminha-nos para o mundo da artes, ambas caminham lado a lado, pois arte é uma forma de expressão. Segundo Zopelari, “A arte é um produto da manifestação humana, de ordem estética, fruto de um processo sócio-cultural que varia de acordo com o passar do tempo”.(Zopelari,2007,p.4)

## 1.1 A arte

A produção de arte é transversal aos tempos, ou seja em todas as épocas se produziu arte, tentou-se compreendê-la, apreciá-la, ditar cânones de qualificação da arte e reaproveitar temáticas, técnicas e fundamentos que inspirassem novas criações.

“A capacidade artística é um dom inato no ser humano e não existem técnicas, regras ou dogmas que, quando ele realmente está presente, lhe possam atrofiar qualidade e retirar valor.”(Almeida, n.d.)

Falar de arte e expressão plástica infantil em conjunto, leva-me a “equipará-la” à Arte Naïf, no verdadeiro sentido da palavra. Arte Naïf, é um estilo de Arte sem presunções, quem a produz é autodidata, refiro-me a um tipo de arte que é produzida com toda a ingenuidade, realizada de uma forma natural, sendo o melhor que se consegue fazer, assim como as crianças, ao produzirem algo não estão preocupadas em seguir regras e técnicas, seguem o seu coração e o que lhes vai na alma, tentando desta forma comunicar livremente.

“A Arte Naïf é concebida e produzida por artistas sem preparação (...)e sem a «obrigação» de terem de utilizar técnicas elaboradas e abordagens temáticas e cromáticas convencionais nos trabalhos que executam.(...) Caracteriza-se(...)por uma aparente simplicidade e pela liberdade que o autor tem para relacionar ou desagregar,(...)elementos considerados formais(...). A Arte Naïf exprime ainda, de um modo geral, alegria, felicidade, espontaneidade e imaginários complexos, resultando, às vezes, todo este conjunto numa beleza aparentemente desequilibrada mas sempre muito sugestiva. (...) os «ingênuos pintam só com a alma. Esta parece ser a verdadeira essência do Naïf, (...). (Almeida, n.d.)

Apesar da dificuldade de definir arte, existem alguns elementos que parecem ser considerados como identificadores da mesma, a criatividade e a intencionalidade.

A arte é um reflexo da individualidade do artista e do contexto em que este se insere. A própria individualidade deste, é fruto do contexto e das suas vivências.

Não me cabe a mim definir Arte, nem este estudo tem essa finalidade, mas na minha humilde opinião e segundo Gombrich (2005), não existe uma definição concreta para Arte.

Arte é algo produzido por alguém, em que este expressa o que sente no momento em que está a criar e que mais tarde pode ser olhado por outros e que estes apreciem esse mesmo trabalho como uma obra de arte ou não. “Qualquer definição de arte é, pela própria natureza do tema, incompleta e polémica.” (Barrett,1979,p.17) Segundo Barrett (citando Read,1944), (...) a arte está profundamente envolvida nos próprios processos da percepção, pensamento e ação do corpo. Também para Gombrich (2005), não existe realmente algo a que se possa chamar Arte. Existem apenas artistas.

Desde sempre o Homem usou imagens para poder comunicar, através delas deixou marcas que fez com que conseguíssemos perceber um pouco a vida de antepassados, é o caso da Arte Rupestre, em que se pode observar cenas de caça, o culto aos mortos, etc. O Homem adaptava-se ao meio e usava o que tinha à sua disposição para criar, para deixar provas das suas vivências, etc. Nesta época, as imagens deixavam transparecer um certo misticismo e muitas figuras eram ligadas a cultos. Segundo Aguiar(n.d.), há muito que se discute que a arte rupestre tem um valor religioso e mágico relacionado com a caça, onde o caçador ao representar cenas de uma caçada nas paredes de pedra, pretende atrair êxito na captura do animal.

A obra *Bisão ferido* (pintura rupestre do Paleolítico, 20.000 a.C. Altamira-Espanha) deixa transparecer já nesta altura “ (...) [um] realismo [que] evidencia uma apurada capacidade de observação e profunda intuição da natureza (...) ”. (Baumgart, 1994,p.6)

A necessidade do homem primitivo é mítica, divina, é uma forma de dominar o real, naquela altura o que pintou pertence-lhe, assim como para uma criança o que ela representa faz parte do real, mostram o que pretendem conseguir, mostram o que pensam, também ainda hoje através da Arte e das Expressões se comunica. Desde cedo é inculcido nas crianças a exploração das expressões, através destas as crianças podem desenvolver-se de uma forma harmoniosa e transmitir as suas emoções, sentimentos, etc. É o que se pretende com a Expressão Plástica neste caso, não é criar Arte, mas sim que se consiga comunicar, libertar, desenvolver, crescer...através das expressões.

Com a necessidade de se expressar, o Homem foi criando e adaptando materiais para as suas criações, tornando todo este processo de criação mais facilitado, por exemplo, o sangue substituído por pigmentos naturais/tintas e os paus substituídos por pincéis.

A Arte pode ser utilizada para desenvolver novas capacidades, novas competências, know-how, prática, agilidade, mas também pode ser usada como recurso ao trabalho desenvolvido com outras áreas. A Arte é vista como expressão que dá acesso a padrões de beleza, de estética e de conhecimento, é usada como uma forma de linguagem e de expressão. Toda esta expressividade pode ser explorada, quando bem acompanhada por parte dos educadores, através dos seus conhecimentos e gosto pela Arte.

A ARTE desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. (Brittain, Lowenfeld, 1970, p.13)

É importante dar valor às Artes e saber transmiti-lo às crianças, de forma a que estas não se inibam a explorar esta área e que a usem para se exprimirem sem complexos. De acordo com Brittain e Lowenfeld (1970), a arte para a criança é mais do que um simples desenho, uma escultura, é uma parte da própria criança. Através dela mostra o que vê, o que sente, como pensa... “Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora.” (Brittain, Lowenfeld, 1970, p.13)

Culturalmente em Portugal, a área das Artes e da Expressão Plástica, é muitas vezes negligenciada nas escolas, sendo-lhe dada pouca importância. Ainda hoje esta área é vista como “secundária”, em que os educadores se não tiverem gosto pela mesma exploram-na pouco e isso transmite-se às crianças com quem trabalham diariamente.

“Os contactos com a pintura, a escultura, etc. constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e desenvolvendo o seu sentido estético” (Orientações curriculares, 1997,p.63).

É bom apreciar e ser apreciado, “A maioria das pessoas aprecia ver em imagens o que também lhe agrada ver na realidade. Essa é uma preferência muito natural. Todos gostamos do belo na natureza, e ficamos gratos aos artistas que o preservam nas suas obras. Nem sequer esses artistas nos recriminam pelo nosso gosto.” (Gombrich,

2005,p.15) Pois o que para uns é Arte para outros não o é. Sendo um tema um pouco subjetivo, não deixa de ser relevante valorizar quem produz algo a que realmente dá valor e a que chamam Arte.

## **1.2A arte e o desenvolvimento infantil**

“A educação através da Arte é a que melhor permite a exteriorização das emoções e sentimentos e a sublimação dos instintos.”(Santos et al.,n.d.,p.66)

A criança está presente de corpo e alma quando se expressa de uma forma livre, quando cria algo. É uma maneira de esta se desenvolver, quer a nível interior (psicológico, emocional, intelectual e criativo) como exterior (motricidade).

Segundo (Fernandes,1972), a criança entrega-se ingenuamente à arte, com uma espontaneidade lúdica e vital da sua seiva formativa. Foca ainda dois ensinamentos fundamentais, vistos de dois ângulos diferentes,

Do ângulo pedagógico(...)a aceitação e cultivo da liberdade criadora das crianças permitindo o melhor desenvolvimento e expressão da personalidade. [Do ponto de vista humano](...)as expressões artísticas da infância são um dos modos de se revelar [a] liberdade de realização de nós próprios, que tantas e tamanhas limitações vão passando no decurso da existência. (Fernandes,1972,p.12)

Segundo Baumgart, “ A arte não modifica o mundo,(...).Ela serve menos à realização prática da vida do que à sua organização. Como princípio ordenador representa um dos meios mais diretos de dominar o caos exterior e interior do homem.” (Baumgart,1994,p.1) A Arte faz com que a criança encontre o seu próprio equilíbrio, perca os seus medos, logo deve-se promover e estimular a criação da linguagem gráfica da criança como sendo fulcral para o seu desenvolvimento. “O desconcertante, assustador e inconcebível da vida só pode ser ordenado ao receber forma. Arte é a configuração do desordenado, que sempre significa ameaça” (Baumgart,1994,p.2)

Estes medos, estas ameaças que existem na vida desde sempre, devem ser compreendidas, libertadas, expressas, desta forma e segundo Cardoso(1972) a sociedade em que vivemos impõe normas e obrigações desde cedo às crianças. Mas através de desenhos, pinturas, etc., como modos de expressão livre, permitem-lhes a revelação de um poder especificamente humano: o de criar. “Se o desenho da criança chama a nossa atenção [para] uma tradução dos seus afectos, fica-nos a certeza de que há na criança valores essenciais que é preciso descobrir e compreender” (Cardoso,1972,p.13), fazendo com que “ a mensagem humana que (...) nos trazem, será pouco a pouco interpretada e

compreendida, permitindo conhecer melhor o íntimo(...) [destes] pequenos seres(...),”(Cardoso,1972, p.13) deste ponto de vista, é realmente importante valorizar o trabalho da criança afim de a conhecermos no seu todo.

Não nos podemos esquecer que um desenho funciona como um espelho de como a criança se vê, e se este foi modificado por outro, logo a imagem que vê está deturpada. “A criança deve envolver-se em sua experiência artística e, com esta, identificar-se”. (Lowenfeld e Brittain,1970,p.165)

Não estou preocupada com arte infantil propriamente dita mas sim ao que esta leva, ao que dela resulta e ao que promove. “Cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo.”(Lowenfeld,1970,p.35)

A criança sente a necessidade de imaginar, de explorar, de descobrir o meio que a envolve, por si própria e isso pode-se concretizar através da expressão plástica, da brincadeira, do contacto com os outros. “Se a criança descobre, inventa e constrói brincando, ela tem necessariamente a faculdade de realizar trabalho útil ou de criar obra artisticamente válida, para ela e para a sua comunidade”. (Santos et al, n.d., p.20)

Relativamente a arte infantil, será que esta existe?

(...) se nem tudo o que a criança produz com valor estético pode ser classificado como arte, há necessariamente no curso do processo evolutivo do ser humano uma fase em que actividades plásticas [da criança] adquirem características de actividade artística. (Santos et al, n.d.,p.19)

Através da arte infantil/expressão plástica, a criança comunica e revela-se de uma forma mais livre, sem dúvidas e de acordo com a sua idade, de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontra, tentando alcançar desta forma a realização dos seus desejos, satisfazendo as suas necessidades e a afirmação do seu Eu como um todo (interior e exterior). Heitor(1972), diz-nos que a prática de técnicas plásticas estimulam o poder criador da criança, permitindo-lhe encontrar um equilíbrio através de experiências sensoriais e intelectuais, assim, “o desenho e a pintura são uma linguagem da qual ela se serve para exprimir o que sente e sabe do mundo que a rodeia; por isso, a arte infantil é uma arte particular, com uma evolução e um valor próprios. A criança não imita, cria!”(Heitor,1972,p.15)

Ao longo do processo de desenvolvimento que a criança atravessa, deve-se valorizar todo o caminho criativo por ela percorrido, é neste longo processo de evolução, que se desenvolve a imaginação, a criatividade e autoconfiança.

A educação criadora torna a criança mais segura de si, mais autoconfiante, mais forte, mais resistente a situações adversas, mais capazes de vencer os obstáculos que a sociedade diariamente lhe apresenta. O ser criativo é um ser equilibrado,(...)(Stern, citado por Sousa,2003,pp.165,166)

Inúmeros autores se têm debruçado sobre o desenvolvimento infantil e os contributos que cada área parece fomentar no desenvolvimento da criança. Para Piaget (1971), existem vários estágios de desenvolvimento pelos quais todas as crianças passam para atingir o seu crescimento em pleno, considera várias formas de pensamento representativo, passando pela imitação, jogo simbólico e representação cognitiva. A fim de encontrar um equilíbrio progressivo da assimilação e da acomodação, o equilíbrio destas duas funções determina o desenvolvimento da inteligência Sensoriomotora. Piaget considera fundamental a maturação biológica, e olha para a criança como um ser ativo, perspicaz, que cria hipóteses sobre o seu meio envolvente, para ele “ o pensamento da criança permanece muito mais «simbólico» que o nosso, no sentido em que o símbolo se opõe ao signo.” (Piaget, 1971,p.346)

O Desenvolvimento humano é apresentado por Piaget(1971) em quatro estágios ou estádios. “ (...) as ideias de Piaget representam um salto qualitativo na compreensão do desenvolvimento humano, na medida em que é evidenciada uma tentativa de integração entre o sujeito e o mundo que o circunda.” (Terra, n.d.)

É de extrema importância ter o conhecimento destes diferentes estádios e saber em qual deles se insere a criança/grupo com que se está a “trabalhar”, para que ao desenvolver, neste caso atividades de expressão plástica, estas sejam planeadas e adequadas à faixa etária em questão, bem como os materiais e técnicas escolhidos para a realização das mesmas.

Cada estádio representa a fase de desenvolvimento em que se encontra a criança, consoante a idade da mesma. Não podemos esquecer que esta divisão de estádios é informativa, pois nem todas as crianças são iguais, cada uma delas tem o seu tempo de adaptação e desenvolvimento.

**O primeiro Estádio – Período Sensório-Motor** revela-se entre os 0 e 2 anos, nesta fase a inteligência do bebé é apenas prática, tudo gira à volta daquilo que este

sente, ouve e vê e é sobre isso que ele reage; o bebê vai “conquistando” a noção de permanência do objeto.

Aos poucos começa a agir de uma forma mais intencional e mais coordenada, conseguindo atingir os seus objetivos, ou seja alcançar um objeto.

**O segundo Estádio - Período Pré-Operatório** (entre os 2 e os 7 anos). Aparecimento da função simbólica (capacidade de representação mental e simbolização), segundo Piaget(1971), esta representação nasce da união de “significantes”, que leva a criança a pensar em objetos ausentes, atribuindo-lhes um significado que os une. “Essa conexão específica entre «significantes» e «significados» constitui (...) uma função nova, a ultrapassar a atividade sensório-motora e que se pode chamar (...) «função simbólica»”. (Piaget,1971,p.351)

Desenvolve-se o egocentrismo intelectual, a criança pensa que tudo foi criado para si próprio e não consegue entender o ponto de vista do outro.

A interdependência(...) entre as diversas formas de representações durante a primeira fase do pensamento egocêntrico é encontrada entre os quatro a cinco e sete anos nas transformações simultâneas que caracterizam esta segunda fase do ponto de vista do jogo, da imitação e da representação nocional”(Piaget, 1971,p.361)

Dentro desta fase aparece o animismo, que se alarga aos objetos e a outros seres vivos, aos quais a criança atribui ações, pensamentos, emoções, etc. sendo estes comportamentos próprios do ser humano. Nesta fase a realidade é aquilo que a criança sonha e explica-se baseando-se na sua imaginação, não tendo em conta as questões de lógica. Encara tudo como verdade absoluta, não percebendo que existem outros pontos de vista.

“ No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê.”(Cardoso e Paiva,2010,p.3) O desenho passa a ser um veículo que transporta os pensamentos da criança naquele momento.

“É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.” A criança sabe que através do desenho, pode entrar num mundo imaginário. Desta forma “(...) [passa a ver] o desenho como possibilidade de brincar, o desenho como possibilidade de

falar de registrar, marca o desenvolvimento da infância, porém em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio. (Cardoso e Paiva,2010,pp.3,4)

A expressão plástica nesta fase vai servir à criança de “veículo” para que esta consiga mostrar o que pensa, o que gosta, a fase de desenvolvimento em que se encontra. Vai poder explorar brincadeiras, manipulando materiais fingindo que são outros, criar imagens do seu mundo imaginário e poder brincar, sonhar num mundo em que para ela, ela é o centro, tudo gira à sua volta, mas começando a ter noção que existem outros com quem pode agir, brincar ao faz de conta e que pensam como ela. Nesta fase a criança brinca ao faz de conta (função simbólica), levando ao “limite” a sua imaginação. Assim, como a expressão plástica não é rígida, não “segue” regras rigorosas, logo ajuda as crianças a serem livres para explorarem materiais e técnicas de acordo com a sua imaginação e sentimentos. Não querendo dizer com isto, que esta área não seja explorada com critérios e não lhe seja dada o devido valor.

**O Terceiro Estádio - Período das Operações Concretas** (entre os 7 a 11, 12 anos).O egocentrismo intelectual e social que caracterizou a fase anterior dá lugar a uma nova etapa, a criança consegue relacionar e coordenar o seu ponto de vista com o dos outros, de uma maneira coerente e seguindo um raciocínio lógico.

Piaget(1971) refere, que:

É apenas por volta do fim do período egocêntrico, que chegando a dissociar os pontos de vista, a criança aprende simultaneamente a levar em conta o ponto de vista próprio (...) e a resistir às sugestões de outrem: o progresso da reflexão engloba então a própria imitação, que se reintegra assim na inteligência.(Piaget, 1971,p.365)

A criança é capaz de interiorizar as ações e de realizar operações mentalmente, não esquecendo que todas estas ações se referem a objetos ou situações concretas, “Para verificar isso, basta examinar as transformações do desenho. Os pequenos desenham simplesmente para representar os objetos, enquanto que os grandes integram seus desenhos em sistemas de objetivos intelectuais mais amplos.(...) é a inteligência que se amplia sem cessar.”(Piaget, 1971,p.365)

**O Quarto Estádio - Período das operações formais** (12 anos...). A criança, formula hipóteses, é capaz de formar esquemas baseados em conceitos abstratos conseguindo realizar operações mentais seguindo os princípios da lógica formal. Alcançou uma capacidade crítica sobre tudo o que a rodeia, tendo a noção de que existem valores morais, aos poucos tornar-se-á autónoma. Agora a criança adolescente

adquire um equilíbrio para toda a sua fase adulta, continuando uma ampliação dos seus conhecimentos. Piaget (1971) conclui;

Por fim, constatamos agora que o pensamento evolue da representação por imagens, simbólica e pré-conceptual à representação conceptual de ordem operatória, como se o pensamento egocêntrico e irreduzível ao «grupamento» fosse necessariamente simbólico ou intermediário entre a imagem e o conceito, enquanto o pensamento conceptual de ordem racional suporia a socialização e o «grupamento». (Piaget, 1971,p.368)

À medida que a criança vai crescendo, vai evoluindo por fases, passando pelo egocentrismo, pelo simbolismo entre outras, acaba por atingir a sua autonomia, de uma forma equilibrada.

Concluo assim que, Piaget acredita que os conhecimentos adquiridos pela criança são desenvolvidos de uma forma espontânea pela mesma, relacionando-os com o estágio de desenvolvimento em que esta se encontra e que a visão egocêntrica das crianças sobre o mundo vai-se alterando de uma forma mais objetiva, à medida que se aproxima da fase adulta. A possibilidade de mexer em diferentes materiais dá uma noção de liberdade e prazer à criança, conseguindo assim tornar-se num adulto confiante e disposto a alcançar novas etapas da sua vida sem receios. Desta forma, ao associarmos Arte ao desenvolvimento infantil, veremos que esta favorece o desenvolvimento da criança a um nível global. Lowenfeld, defende seis tipos de desenvolvimento da capacidade criadora, incluindo o desenvolvimento intelectual, físico, perceptual, social, estético e criador.

“Através da compreensão da forma, como o jovem desenha, e dos métodos que usa para retratar o seu meio, podemos penetrar em seu comportamento e desenvolver a apreciação dos vários e complexos modos como ele cresce e se desenvolve” (Brittain e Lowenfeld, 1970,p.51)

### **1.3 A Arte e a produção plástica infantil**

As Artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural [da criança]. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.(...)(M.E./C.N.E.B., n.d.p.149).

Através da exploração da produção plástica, realizada nas atividades nas escolas, as crianças conseguem a partir da mesma, transmitir o que sentem, o que são, as

suas preferências, os seus gostos, as suas atitudes perante a sociedade na qual estão inseridas.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento. As Artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social,(...)(M.E./C.N.E.B., n.d.p.149).

Como se sabe a criança vai-se desenvolvendo ao longo da sua vida ultrapassando várias etapas, tendo sido estas estudadas e acompanhadas por pedagogos e psicólogos e foi através destes estudos e observações, que se fizeram descobertas, que se traçaram teorias que permanecem até aos dias de hoje, afim de compreender a percepção do Eu de cada criança e dos que a rodeiam, percepções essas compreendidas também através do desenho infantil. A criança ao desenhar expressa-se, comunica com o exterior sem se preocupar com a estética, ou seja, para ela existe a sua própria estética e não a estética que agrada os adultos, procura expressar-se de uma forma natural, espontânea e verdadeira. “A criança espontaneamente pinta para se exprimir, sendo todo o seu trabalho uma exteriorização duma impulsão; criar é portanto, para ela um acto normal.” (Cardoso e Heitor,1972,p.79) Segundo Lowenfeld (1970), para a criança arte é uma maneira da criança comunicar consigo mesma, é a identificação com o meio onde está inserida.

Contudo, a expressão plástica, não ajuda apenas a criança a exprimir os seus sentimentos, emoções, mas também, segundo Quintela e Valadares (1997):

- Ajuda na aquisição de hábitos de observação visual das linhas e das formas;
- Permite alcançar uma progressiva habilidade manual;
- Identificar as cores e experimentar diferentes combinações;
- Ajuda a obter o controle da motricidade fina e a desenvolver a coordenação viso-motora;
- Ajuda a aprender a aceitar e apreciar os trabalhos dos outros;
- Desenvolve a destreza de cortar, rasgar
- Distinguir diferentes texturas, diferentes materiais;
- Desenvolve o domínio do espaço, da tridimensionalidade, do volume, da forma;

- Etc.

Sendo a arte indispensável para o desenvolvimento da criança, é importante falar das fases e evoluções que o desenho passa ao longo do crescimento da criança que o faz. Falando dos diferentes estágios de Piaget referidos anteriormente, é possível ver um acompanhamento a par e passo, das fases do desenho e das fases de desenvolvimento da criança.

Vou salientar diversos autores nomeadamente Piaget, Luquet e Lowenfeld sendo estes uma referência nesta área da expressão plástica e nas fases relativas aos 4,5 e 6 anos tentarei dar mais relevo, visto ser esta a faixa etária observada.

Para Piaget o desenho apresenta diferentes fases, tais como a Garatuja (desordenada e ordenada), o Pré-Esquematismo, o Esquematismo e o Pseudo Naturalismo.

- **Fase da Garatuja:** (Período Sensório Motor), a criança até completar dois anos de idade passa por esta fase. Nesta altura os desenhos representam o seu “eu” (egocentrismo), desenha por desenhar, sem consciência do que está a representar. Esta fase da garatuja divide-se em dois momentos.
  1. Garatuja Desordenada: a criança traça linhas aleatoriamente não tirando o lápis do papel, o lápis é como um prolongamento da sua mão, os movimentos são amplos e desordenados;
  2. Garatuja Ordenada: o uso dos movimentos são mais controlados, o que caracteriza o início do interesse pelas formas, a criança explora mais o traço.
- **Fase Pré-Esquematismo:** (Período Pré-Operatório), Aos três anos a criança já dá um significado ao que desenha. Nesta fase faz riscos na horizontal, vertical e circulares. O uso de cores variadas ainda não é muito usual embora por vezes já aconteça, mas sem qualquer intenção de imitar a realidade. Aos quatro anos, já é capaz de representar através do desenho o que sente e até aos seis anos o grafismo tornar-se-á mais criativo aliando de certa forma uma relação entre o desenho, o pensamento e a realidade.
- **Fase do Esquematismo:** (Período das Operações Concretas) Aos sete anos de idade a criança compreende termos de relações como: grande/maior, pequeno/menor, direita, esquerda, mais alto, mais baixo, mais largo, fino,

grosso, etc. Sente necessidade de traçar uma “linha de base” como suporte e por vezes ainda desenha a figura humana com as proporções distorcidas. No final desta fase a criança tem a noção da cor-objeto, e o desenho infantil já representa a fase do Realismo. O uso das formas geométricas já é notório e o desenho da roupa com mais pormenores, ajuda a distinguir o sexo da figura humana.

- **Fase do Pseudo Naturalismo:** (Período das Operações Formais). Nesta fase a criança já com doze anos pensa de uma maneira mais formal, é capaz de deduzir e chegar a conclusões de hipóteses levantadas por ela própria. A fase do desenho infantil deixa de ser espontânea e passa a ser mais consciente, a criança tenta passar através do desenho a sua personalidade e passa a usar as cores de uma forma correta. Em relação à figura humana esta apresenta as proporções corretas e com bastante detalhe.

Segundo Luquet(1979) as crianças desenhavam porque é divertido e diz que o meio onde a criança vive condiciona de uma certa forma a sua maneira de pensar, agir, desenhar, etc.

Também para Luquet, filósofo e etnógrafo francês, pioneiro do estudo do desenho infantil, o desenho infantil divide-se em quatro estágios.

- **Realismo Fortuito:** quase com 2 anos de idade, as crianças depois de produzirem traços aleatoriamente tomam consciência que o que produziram sem intenção lhes faz parecer algo concreto, que se parece com um objeto real, passando assim a dar nomes aos seus desenhos, “ (...) chega o dia em que a criança nota uma certa analogia entre alguns dos seus traçados e um objecto real; considera-o então como uma representação do objecto, e enuncia a interpretação que lhe dá (...)”(Luquet,1979,p.139)
- **Realismo Falhado:** fase entre os 3 e 4 anos de idade, as crianças já desenhavam com intenção mas não por muito tempo, porque por vezes ainda não controlam os seus movimentos e também o tempo limitado da sua concentração não favorece o que estas pretendem obter, fazendo com que o desenho que fizeram não se pareça com o objeto real. Por vezes não desenhavam de uma forma mais completa porque o tempo de concentração é curto, mas se um adulto fizer algum comentário, sobre se estará completo, a criança consegue perceber que não está e até completar depois. “(...)prova de que, se não os desenhava antes, foi

simplesmente porque a sua atenção enfraqueceu depois da execução dos outros elementos representados segundo a sua ordem de importância”(Luquet,1979,p.149)

- **Realismo Intelectual:** esta fase vai desde os 4 aos 7 anos de idade. A intenção e as capacidades das crianças estão mais consistentes. Nesta altura as crianças desenham o real conjugando-o com o imaginário. “Esse realismo intelectual pode ser levado até ao ponto de reproduzir no desenho não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstractos que só têm existência no espírito do desenhador.” (Luquet,1979,pp.159,160)

Nesta fase as crianças já tentam a planificação e as transparências, misturando vários pontos de vista.

- **Realismo Visual:** a partir dos 7/8 anos de idade, as crianças põem de lado as transparências substituindo-as pela opacidade e tentam desenhar através de diferentes perspectivas.

(...) à transparência segue-se a opacidade, quer dizer, a supressão dos pormenores que são objectivamente invisíveis. Do mesmo modo, o rebatimento e a mudança de ponto de vista são substituídos pela perspectiva(...) os rebatimentos começam a ser vistos a três quartos. (Luquet,1979,p.190)

Segundo Batista (2012), Luquet foca ainda outros aspetos em relação ao desenho infantil, a narração através do mesmo, seja ela do tipo Sucessiva, a criança num só desenho pode representar diferentes elementos de uma história, a Narração Epinal, quando se ilustra uma história em Banda Desenhada e por fim a Narração Simbólica, quando é escolhido o momento mais importante da história para ser ilustrado.

Lowenfeld fala-nos das actividades criadoras na escola. Para ele o espaço é qualquer desde que as crianças tenham a possibilidade de se exprimirem pela pintura, desenho, modelação e construção, ajudadas por um educador compreensivo, atento, que não lhes impeça a natural capacidade de se exprimirem através destas actividades. (Leite e Malpique,1986,p.64)

Segundo Viktor Lowenfeld (1977) educador e psicólogo austríaco, a expressão gráfica do desenho desenvolve-se por fases conforme o desenvolvimento da criança.

Fases essas:

- **Fase dos Rabiscos/Garatuja:** a criança faz rabiscos desordenadamente como atividade cinestésica. Aos poucos vai evoluindo passando a nomear o que faz. Esta fase dos rabiscos, para Lowenfeld, divide-se em três:
  1. Garatuja Desordenada: entre 1 ano e meio e dois anos, nesta altura os rabiscos seguem em todas as direções e por vezes a criança nem sequer olha para o papel ao desenhar, ultrapassando o seu limite, a maneira correta de segurar o lápis ainda não foi alcançada.
  2. Garatuja Ordenada: desde os 2 anos, nesta fase a criança começa a perceber que os seus movimentos com o lápis ficam marcados no papel, sejam eles movimentos contínuos ou não. A criança começa a usar diferentes cores com intenção e a desenhar em movimentos circulares, mas ainda não relaciona o que desenhou com a realidade.
  3. Garatuja Nomeada: a partir dos 3 anos, última fase de garatuja, a criança começa a nomear o que desenha e as formas começam a ser mais reconhecíveis.
- **Fase Pré-Esquemática:** entre os 4 e os 7 anos, nesta altura a criança começa a representar a figura humana ainda que seja de uma forma muito rudimentar, desenha o que sabe que a figura humana tem e não o que vê na realidade. “[Para a criança](...) a arte é uma comunicação do pensamento. Vê o mundo de forma diferente daquela como o representa e, enquanto se desenvolve, sua expressão muda.” (Brittain e Lowenfeld,1977,p.19) Os seus desenhos evoluem bastante nesta fase apresentando formas reconhecíveis.
 

A criança nesta fase dá destaque ao que mais lhe interessa na figura humana, deixando de parte pormenores, que não vão alterar em nada o seu desenho. Desta maneira, foca o que realmente é importante naquele momento.
- **Fase Esquemática:** por volta dos 7 aos 9 anos, a criança consegue representar aquilo que vê. A criança nesta fase usa o limite superior da folha para retratar o céu e o inferior para retratar a terra, ou seja as relações espaciais tendem cada vez mais a estarem mais definidas.
- **Fase de Gangue:** Amanhecer do Realismo: Nesta fase a criança já está com 10 anos. Começam a aparecer diferentes linhas, tais como: a linha do horizonte, a criança apercebe-se que não está tudo ao mesmo nível, torna-se mais exigente em relação ao que desenha.

- **Fase Pseudo Naturalista:** 12 anos, agora a criança tem noção do que desenha e torna-se mais crítica em relação ao seu próprio trabalho, procurando uma apreciação positiva por parte dos adultos. Tem preocupação com as proporções dos objetos.
- **Fase de Decisão:** Aos 14 anos, a criança ou se sente segura dos desenhos que faz ou tem tendência a pôr de parte esta forma tão livre de se expressar que é desenhar. As críticas são mais conscientes e como são inseguros preferem deixar de lado os desenhos, sentem-se desencorajados para continuar.

Depois desta breve explicação das diferentes fases do desenho pelas quais as crianças passam e que são consideradas essenciais para cada autor atrás referido, não se pode deixar de referir que cada criança é diferente das outras e que podem ou não passar por todas estas fases, o que é essencial é estimular as crianças e respeitar a fase de maturidade em que se encontram. Desenhar requer atitude, para que através do desenho a criança se possa manifestar acerca do que vê, sente, pensa, etc. Através do desenho, as crianças contam as suas histórias, os seus medos, tristezas, alegrias, representam o meio envolvente transportando tudo isto para a folha de papel.

"A Arte é a tradução do espírito através da matéria."

Salvador de Madariaga

## 1.4 O papel do educador na valorização da expressão plástica

A atitude do educador deve ser de mediador de modo a ajudar as crianças a desenvolverem-se de uma forma livre, mas sempre com o apoio do adulto, sendo este uma referência para os mais novos.

(...)[Para] Vygotsky, a criança é alguém candidato à humanização, na medida em que as pessoas que a rodeiam não são menos objetos passivos ou menos espectadores do seu desenvolvimento, antes pelo contrário, são facilitadores desse mesmo desenvolvimento. (Simão,2010,p.50)

O educador, ao desenvolver atividades de expressão plástica com as crianças, deve conseguir respeitar o seu espaço, o seu tempo, a sua individualidade, para que estas através da mesma consigam transmitir o que pretendem (sensações, emoções, etc.) sem serem criticadas, sem afetar a sua autoestima, a sua autoafirmação, as suas experiências, em que neste caso as próprias crianças devem ser o seu agente do processo de aprendizagem.

A expressão plástica como foi explicitado atrás, revela um elevado potencial como estimulador de diversas aprendizagens. Neste aspeto é de considerar a importância da valorização da Expressão Plástica, esta deve proporcionar às crianças a oportunidade das mesmas explorarem diferentes tipos de materiais e técnicas proporcionando-lhes experiências enriquecedoras e significativas para o seu desenvolvimento. “As necessidades e respostas das crianças variam à medida que ela se desenvolve e amadurece, mas o professor deve trabalhar reflexivamente para tornar o aluno apto a progredir pouco a pouco até à maturidade”.(Lowenfeld, citado por Barrett, 1979,p.89)

Segundo (Dias et al, n.d.) o educador tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança e também na valorização das áreas de aprendizagem que considera mais relevantes como potenciador desse desenvolvimento.

(...) [Vygotsky], identifica dois níveis de [desenvolvimento]: o actual, [consiste no] conjunto de actividades que a criança tem possibilidade de realizar sem a colaboração ou intenção dos outros, e o nível de desenvolvimento proximal/potencial, [que pertence ao] conjunto [de] actividades que a criança tem a possibilidade de desenvolver com a ajuda dos outros.(Simão,2010,p.50

Este conceito do nível de desenvolvimento proximal, segundo Simão (2010) é uma definição prospetiva do desenvolvimento da criança. Ou seja, o educador ao interagir com as crianças, deve ter em consideração não só o que a criança é, mas sim o que esta pode vir a ser. Segundo o mesmo:

O professor (...), ao esforçar-se por proporcionar à criança a actualização das suas potencialidades, está a contribuir para que ocorra desenvolvimento cognitivo (e aprendizagem), isto é, para que a criança incorpore os instrumentos, sinais, símbolos e regras daquele com quem interage, quer se trate de um colega, do professor ou da própria tarefa de aprendizagem. (Simão,2010,p.50)

O educador deve dar liberdade à criança para que esta crie a sua “arte” de forma a que se torne algo de significativo para si, não condicionando o processo até ao produto final, fazendo com que a criança não siga apenas modelos estereotipados de forma a condicionar a imaginação, a criatividade e a sua individualidade.

Segundo as Orientações Curriculares(1997), os educadores devem seguir os seguintes fundamentos articulados:

-o desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis – como em todas as áreas, também na expressão plástica, a criança evolui com a prática.

- o reconhecimento da criança como sujeito do processo educativo- (...) partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens – a prática de expressão plástica, deve partir do que as crianças já sabem, das suas experiências anteriores, para que haja um desenvolvimento progressivo e gradual, em que seja a criança o centro da aprendizagem em todo o processo. A criança aprende experimentando novos materiais, novas técnicas, nas atividades de expressão plástica.

- a construção articulada do saber, ou seja abordar todas as áreas de uma forma integrada – ao desenvolver atividades nesta área, os educadores devem proporcionar uma articulação interdisciplinar, afim de promover uma ligação entre todas as áreas de conteúdo que se trabalham no pré-escolar.

- dar sempre uma resposta a todas as crianças, pressupondo que se parte de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, fazendo com que as crianças beneficiem de todo o processo educativo desenvolvido com o grupo – em atividades de expressão plástica, é fundamental incentivar as crianças a saberem trabalhar em grupo e a partilhar os materiais, promovendo o bem estar entre todos e uma convivência correta em sociedade.

Pelo método escolástico, a criança adquire (...) o hábito de esperar a ordem e o pensamento externos. (...) não exerce a iniciativa e o pensamento próprios. Suporta e segue. A função criadora vital encontra-se paralisada e destruída. Poderá produzir obras verdadeiramente impecáveis do ponto de vista técnico, mas essas obras não terão alma.(Freinet, 1977,p.28)

Ao ter liberdade física e mental, a criança consegue-se exprimir mais facilmente e abrir-se para o mundo. Deste modo o educador estará a contribuir, para o desenvolvimento e valorização da autoestima da criança e para a sua liberdade de expressão. O educador deve ter uma atitude e mente aberta, disponível, tornando-se recetivo, para que consiga alargar os seus “horizontes” e deixar de lado todos os estereótipos, ajudando desta forma a criança a fazer novas descobertas. “ O professor que tem medo dos elefantes ou das flores inventadas pela criança, porque destroem as suas convencionais harmonias, tem medo das imagens novas que estão a surgir no único celeiro da criação – o imaginário.”(Mendes,1973,citado por Leite e Malpique,1986,p.56). Assim, se o educador agir de uma forma espontânea compreenderá melhor a linguagem artística da criança, devendo com isto estimulá-la e encorajá-la constantemente nas suas novas descobertas. O educador deve estimular a

criança a pensar por si, fazer com que a criança desenvolva uma identidade própria, alargando horizontes, fazendo novas descobertas.

Um educador que só “trabalha” a expressão plástica de uma forma rígida, desenhando antes para a criança pintar, recortar, etc., não ajuda esta a correr certos “riscos” , a assumir desafios, deparando-se com facilidades e dificuldades que a constroem enquanto indivíduo e que testam as suas capacidades e limites necessários ao seu desenvolvimento e criatividade.

É de extrema importância, que as atividades tenham sempre uma intencionalidade, para que esta ajude no desenvolvimento da criança e não seja meramente a ocupação de um tempo em que nada há para fazer, e mesmo que isto aconteça a criança deve sempre poder aproveitar este tempo da melhor maneira possível para ela, o tempo deve ser de qualidade e não de quantidade.

O papel do educador deve procurar ampliar e ajudar as crianças a alcançarem novos conhecimentos, tornando-as criativas, dinâmicas, para que estas se insiram de uma forma positiva na sociedade que as rodeia. Segundo Santos, “A Pedagogia é cada vez menos a arte de aplicar fórmulas e esquemas, é cada vez mais a aplicação ao ensino do resultado da constante observação da criança agindo no grupo e no meio físico que a rodeia. Interessa tanto ter conhecimentos pedagógicos como saber observar as crianças no meio em que vivem, e ter imaginação e recursos técnicos para as estimular em cada momento evolutivo.” (Santos, citado por Leite e Malpique,1986,p.55)

“ Em educação, tendemos para formar indivíduos conformistas, estereotipados, cuja educação é «completa», em vez de pensadores livremente criadores e originais.” (Rogers,1985,p.299) Desta forma o educador está a agir como “um representante da sociedade que só sabe trabalhar com o estabelecido, (...) [provando assim que] (...) assegura a estabilidade. O medo às garatujas e aos desenhos das crianças não é só medo ao «feio» (...) é o medo ao «novo», é a crença inconsciente de que o feio de agora poderá ser o belo de amanhã, (...)”(Mendes,1973,citado por Leite e Malpique,1986,p.56).

Cada vez mais a expressão própria de cada criança reflete múltiplas individualidades que constituem um grupo de pré escolar, ou seja, sendo as crianças diferentes entre si, é natural que se lhes for dada a oportunidade de se expressarem graficamente também o façam de forma diferente. No entanto é de considerar que as

crianças ao chegarem aos 5/6 anos sentem grande necessidade de se identificarem com o grupo onde se inserem o que se reflete inevitavelmente nas suas produções plásticas.

As crianças tentam imitar o que consideram mais bonito ou até mesmo o que os líderes da turma ou amigos fazem. Contudo, o educador pode procurar alterar tais atitudes, mesmo que pretenda que todas as crianças, façam uma atividade de expressão plástica seguindo o mesmo tema, ex.: dia da mãe. Este pode dar a escolher a cada criança o material com que esta pretende trabalhar, ao agir desta forma, o tema desenvolvido pelo grupo é o mesmo, mas realizado com diferentes técnicas e/ou materiais. Assim sendo, ao agir de um maneira menos rígida, os trabalhos realizados acabam por serem mais variados e mais interessantes para quem os faz. Logo, o educador deve estimular/incentivar a procura, a experiência e a capacidade de criar da criança, utilizando estratégias, técnicas e metodologias adequadas a cada indivíduo e a cada faixa etária, não esquecendo de dar espaço à criatividade e liberdade da criança em todo o processo da atividade de expressão plástica, para que este não seja um trabalho feito pelo educador mas sim pela própria criança.

Segundo Brittain e Lowenfeld (1970), cada criança revela os seus próprios interesses, recursos e envolvimento na arte, mesmo que em alguns casos, tenha poucas relações com a “beleza”. O importante é todo o processo pelo qual a criança passa e não o produto final em si, mas como sabemos, para a criança é importante ver o seu trabalho apreciado, logo o educador deve valorizar o seu trabalho, tal e qual ele ficou.

Se focalizássemos nossa atenção no produto do trabalho criador, estaríamos primordialmente empenhados em fazer belos objetos, em vez de nos interessarmos pelos efeitos dessa elaboração sobre as crianças. (Brittain, Lowenfeld, 1970, p.23)

Não devemos esquecer que “O ingrediente essencial [aqui] é a criança; uma criança que tem sentimentos, emoções, amor e ódio(...). Sua expressão individual é tão importante para ela quanto a criação do artista para o adulto.(...) o que se torna importante no processo educativo é a aprendizagem infantil.” (Brittain, Lowenfeld, 1970, p.23)

Através da expressão livre, seja através de pintura, modelagem, etc. a criança vai-se dando a conhecer, o que torna a prática das expressões uma mais valia tanto para a criança como para o educador. “(...)a prática do desenho livre, a nível da escola(...), [ajuda] os educadores a compreender e a apreciar uma pedagogia que se pretende prioritariamente ao serviço da vida, no meio que a criança será amanhã chamada a

dominar e a transformar.”( Freinet,1977,p. 31). Dando-lhe esta liberdade, o educador estará a permitir que a criança cresça de uma forma “livre”, que adquira uma estabilidade emocional, para que no seu futuro seja um adulto autoconfiante e capaz de resolver os problemas ao longo da sua vida.

As crianças de hoje serão os adultos de amanhã, daí ser tão importante que cresçam de uma forma segura e confiante. Por exemplo, quando um educador se depara com crianças que dizem “não consigo”, “não sei fazer”, este deve fomentar a experiência, levando as crianças a entenderem que todos conseguem quando querem e que se não experimentarem, não sabem se realmente conseguem ou não. O educador deve encorajar a criança, para que esta não desista e não se sinta diminuída perante as outras, ao mesmo tempo deve fazer com que a criança perceba que é importante explorar novas ideias, materiais, técnicas, até conseguir que estas façam parte das suas vivências e crescimento da sua pessoa, do seu Eu, do seu Ser, e que de alguma forma tire partido disto para o seu desenvolvimento pessoal.

Para Lowenfeld o educador deve estimular na criança a tomada de consciência do ambiente e fazê-la sentir que a actividade criadora é extremamente importante.(...) A criança deverá estar totalmente absorvida pela sua actividade, identificando-se com ela. Mas se tal não acontece, se há uma criança que se intimida ou inibe (...) [o educador] deve antes dar-lhe um pouco mais de atenção, a seu jeito, procurando aceitar e compreender essa atitude.(Leite e Malpique,1986,p.65)

A criança deve sentir-se segura e o educador deve estimular a criança a falar sobre o seu trabalho, valorizando-o, fazendo com que esta se sinta bem com o que fez, mas também deve estimular a criança a procurar a solução dos problemas quando estes existem. “As respostas que [a criança] procura e as soluções que descobre são suas, e o desenho, a pintura, a construção que executa, refletem sua crescente capacidade, para lidar com uma série diversificada de possibilidades, de forma construtiva.”(Lowenfeld e Brittain,1970,p.50). Desta forma, a criança tem que vivenciar não só os seus sucessos mas também os seus fracassos, pois só assim crescerá mais forte e resiliente, fazendo com que tenha vontade de repetir novas experiências, tornando-se cada vez mais autónomo, ajudando também o educador a conhecê-la melhor. “ O desenho ilustrativo, ou ornamental, e o «desenho livre», [são úteis] para o «conhecimento psicológico» da personalidade da criança(...)”(Duborgel,1992,p.222)

Ao fazer desenho livre a criança transmite o que sente, sentimentos, emoções, a sua forma de ver o mundo e não a forma como os adultos o veem. “...O

professor...ficará a conhecer melhor os seus alunos depois de estes terem feito desenhos em toda a liberdade. O desenho de imaginação é um contributo de primeira ordem para aquilo a que se chama a «psicologia da criança». (...) a criança deverá ser livre de desenhar de acordo com a sua fantasia.” (Guillot, 1923, citado por Duborgel, 1992,p.222) Para que tudo isto aconteça é importante focarmo-nos na criança, mas também na urgência que deve existir em modificar a atuação dos educadores.

Quanto mais diversificadas forem as técnicas e materiais apresentados às crianças, mais motivadas estarão as crianças para realizarem as suas experiências, “Todas as pessoas acabarão por descobrir a força e capacidades surpreendentes e extraordinárias das crianças relacionadas com a sua inesgotável capacidade de expressão.” (Edwards et al., 1999,p.57 citado por Vasconcelos et al.,n.d.).

Na opinião de Santos, (citado por Leite e Malpique,1986,pp.55,56), o material didático tem de ser considerado apenas como um meio de estabelecer relações. Para facilitar à criança a sua atividade de investigador da atividade simbólica, nenhum material tem mais interesse que o lápis, o papel e a tinta. No fundo, para as crianças se expressarem não é preciso muito, “O espaço de expressão criadora é fácil de encontrar, para a criança, porque a expressão é um acto que vem de dentro” (Leite e Malpique,1986,p.56).

Assim, conclui-se que o educador é fundamental no desenvolvimento da criança. Este deve ter um papel de mediador, dando-lhe o apoio necessário, mas sem ser castrador da liberdade da criança. Não deve condicionar o processo que a criança atravessa para atingir um fim, em prol do resultado final. O educador deve ser reflexivo de forma a poder ajudar a criança a progredir no seu desenvolvimento, este deve olhar para a criança como sujeito do processo criativo e partir do que esta já conhece. É importante também que proporcione uma interdisciplinaridade, pois todas as áreas se encontram interligadas e assim torna mais atrativo trabalhar certos temas. Por fim, deve fomentar o trabalho em grupo, valorizar e estimular novas abordagens, novas experiências, para que a criança consiga se sentir autoconfiante.

## **CAPÍTULO II**

# **METODOLOGIA**

## 2.1 Caracterização da amostra

Para a presente investigação recorreu-se a uma amostra recolhida na instituição onde realizei o estágio, amostra esta constituída por vinte e três sujeitos no total, sendo que treze são rapazes e dez são raparigas, todas estas crianças têm idades compreendidas entre os cinco e seis anos. Este grupo vem sendo acompanhado pela mesma educadora e auxiliar desde os três anos de idade.

A referida instituição selecionada, é frequentada por crianças provenientes de um meio socioeconómico e cultural médio/alto e alto.

A frequência com que se realiza atividades de expressão plástica é quase diária e sempre da parte da manhã, se necessário prolonga-se para o período da tarde.

Esta instituição oferece umas instalações atualizadas e o material fornecido é de grande qualidade.

A educadora tem sempre uma postura agradável e tenta ser sempre criativa na maneira de introduzir as atividades, fazendo com que as crianças adiram bem às mesmas, nomeadamente às atividades de expressão plástica.

## 2.2 Cronograma

Para a realização deste relatório, foi necessário programar um conjunto de procedimentos apresentados no quadro seguinte, mostrando uma sequência temporal dos mesmos.

Procedimentos	2012				2013											
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Aulas da unidade curricular - Investigação em Educação	X	X	X	X												
Recolha de N. de Campo em contexto de J.I.							X	X	X	X						
Início da Redação do relatório											X					
Opção Metodológica					X											
Análise e Interpretação de dados													X	X	X	
Elaboração da Conclusão																X
Revisão Bibliográfica					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Anexos												X	X	X		

## 2.3 Procedimentos

Foi pedida uma autorização prévia à instituição do local de estágio, bem como à educadora, para recolher o material necessário – observação direta, registo fotográfico e recolha de notas de campo - para o desenvolvimento desta investigação.

Como mostra o cronograma acima, todo este percurso começou em setembro de 2012 com aulas de Investigação em Educação, em que recebemos orientação teórica, que serviu de base para esta investigação realizada durante o Mestrado em EPE. Em janeiro de 2013 comecei a fazer pesquisa bibliográfica na área que pretendia pesquisar, todo este processo decorreu até à conclusão deste mesmo relatório.

De março a junho, tempo de estágio, foram recolhidas notas de campo na sala dos cinco anos e acompanhando as mesmas foi feito um registo fotográfico. Optei por notas de campo retiradas em sala de aula, deste modo a minha observação poderia ser direta e participante.

As notas de campo foram recolhidas durante o estágio nas horas de expressão plástica.

Foi dada a devida importância tanto à conduta da educadora e da auxiliar bem como das crianças do grupo, pois era pertinente perceber toda uma envolvimento do grupo aquando da exploração na área da expressão plástica. Depois de recolhidas as notas de campo, estas foram transcritas para o computador, tendo o cuidado de analisá-las aprofundadamente.

Todas elas estão organizadas em quadros de forma a se tornarem perceptíveis, todas as notas de campo estão fundamentadas através de autores de referência.

Entre julho e novembro, o relatório foi compilado, revisto, reestruturado, e transcrito para o computador.

## 2.4 Definição operacional dos termos

Arte, criatividade e expressão plástica são termos usados nesta investigação. Para um maior entendimento do meu trabalho resolvi definir estes mesmos termos: arte, criatividade e expressão plástica.

**Arte** – “A arte é um produto da manifestação humana, de ordem estética, fruto de um processo sócio - cultural que varia de acordo com o passar do tempo. Nela o ser humano aplica seus conhecimentos, sensações, emoções, revoltas, sua história e sua cultura. Apresenta-se sob variadas formas como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura etc.”(Zopelari,2007,p.4)

“Já definimos arte como o esforço da humanidade para realizar a integração com as formas básicas do universo físico e os ritmos orgânicos da vida.” (Read,1958,p.137)

Vantagens da mesma - “A ARTE desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo.” (Lowenfeld e Brittain,1970, p.13)

Dando uma continuidade ao que Brittain e Lowenfeld definem como arte, para mim Arte representa novas experiências, resultados inesperados, novas conquistas, liberdade de expressão.

**Criatividade** – Capacidade de criar, inventar, explorar. Segundo Pereira citando (Ostrower, 2003) “... o homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.”

Para Lowenfeld(1970), criatividade significa flexibilidade de raciocínio bem como fluência de ideias, ter capacidade de transmitir novas ideias ou de ver as coisas em novas relações. Vê também a criatividade como a capacidade de pensar de forma diferente dos outros. De uma forma geral, considera criatividade como um comportamento produtivo e construtivo manifestado em ações.

**Expressão plástica** – Expressão através da forma.

A expressão plástica é um dos modos mais característicos que a criança tem, não só de observar e manipular a matéria, de forma criativa, como, também, de comunicar ao exterior a sua particular visão do meio, sua aquisição permanente de noções e a necessidade de compartilhar com os outros o seu estado emocional.(Quintela e Valadares,1997,p.1098)

Expressão plástica é isto mesmo, é cada um poder expressar-se livremente através de materiais plásticos, sejam estes materiais do quotidiano ou não, o importante é deixar cada um pensar e agir por si, transmitindo de uma forma livre e natural o que pensa, o que sente, etc.

## 2.5 Metodologia

Na investigação do tipo qualitativo os investigadores inspiram-se em métodos utilizados na investigação antropológica e etnográfica.(...) O *idealismo* de Kant e seus sucessores está na base do paradigma qualitativo (...) não se considera a existência de uma só interpretação (objetiva) da realidade(...).O foco da investigação qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está “por trás” de certos comportamentos, atitude ou convicções. (Fernandes,1991,p.64)

Segundo Coutinho(n.d.)sendo este o tipo de trabalho que investiga relações sociais (ciências humanas), o investigador deve ter alguns cuidados para que a investigação possa ser credível, devendo estar aberto a diferentes possibilidades, ser capaz de realizar comparações, fazendo com que os dados recolhidos não vão só ao encontro das suas expectativas iniciais, mas que relatem os dados resultantes da sua investigação. Ou seja, o investigador deve conseguir recolher dados pertinentes para a sua investigação e que através dos mesmos consiga obter as respostas para as suas questões. A recolha de dados feita ao longo da investigação, deve ser criteriosamente cuidada, de forma a que os dados recolhidos sejam o mais rigorosos possível.

Neste caso particular, a presente investigação segue uma metodologia de carácter qualitativo. Uma investigação qualitativa é descritiva, para Bogdan e Biklen (1994) um relatório escrito de investigação deve conter citações feitas com base em dados recolhidos a fim de ilustrar e substanciar a apresentação. “ Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos (...) Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando (...) a forma em que estes foram registados ou transcritos”.

( Bogdan e Biklen, 1994, p.48)

Numa investigação qualitativa a observação é direta e “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que (...) pelos resultados ou produtos. (...) [estes] tendem a analisar os seus dados de uma forma indutiva”. (Bogdan e Biklen,1994,pp.49,50) Neste caso o investigador tem a oportunidade de observar factos particulares afim de chegar a uma conclusão geral, em busca de significados para o que observa, ou seja obtém conclusões gerais a partir de premissas individuais, premissas essas que fornecem informações essenciais que servem de base para um estudo e que levará a uma conclusão. “(...)não [procuram] confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente (...)O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes.”( Bogdan e Biklen,1994, pp.49,50) Ao ser um observador direto, o investigador tem noção do que se torna mais pertinente para o seu trabalho, centrando-se mais numa observação em que pode manter contacto e interagir com quem está a observar, ou seja neste caso passa a ser uma observação participante.

Para realizar uma investigação qualitativa é necessário utilizar instrumentos que nos forneçam imagens da realidade, tais como fotografias, vídeos, notas de campo entre outros.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) as notas de campo relatam por escrito o que o investigador ouve, vê e experiencia no decurso da sua prática de recolha de dados, refletindo sobre o observado. A recolha de notas de campo tem o objetivo de ajudar “ o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como (...) foram influenciados pelos dados.” Este tipo de instrumento, como as notas de campo – são recolhidas diretamente no campo de observação. As notas de campo são organizadas e divididas em três partes distintas, partes essas, compostas por um corpo principal constituído por um texto definindo o contexto em que a ação se desenrola, transcrito na integra tal e qual foi recolhido e que descreve o que foi observado. A segunda parte refere-se a inferências feitas por quem recolheu a nota de campo e a terceira parte é composta por fundamentação teórica baseada em autores de referência ligados à área em questão, explicando teoricamente o observado e as inferências que se realizaram.

Durante o período de estágio, houve a oportunidade de observar e interagir com o grupo de crianças da sala, onde foram recolhidas notas de campo pertinentes, como instrumento de trabalho fundamental, para a realização deste relatório. Estas notas de campo foram organizadas em quadros. Cada quadro está dividido em três partes distintas. Na coluna da esquerda, encontram-se os dados recolhidos a partir da observação direta e transcrito de uma forma rigorosa, na coluna da direita, foram feitas inferências de acordo com o material recolhido e por último a fundamentação teórica, sustentando o que foi referido anteriormente. Recorreu-se a uma observação participante, na qual se recolheram notas de campo. Esta observação foi feita diretamente na instituição onde realizei o estágio de Março a Junho do presente ano letivo.

(...) [numa] investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. [Onde] (...) os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação [obtida] através do contacto directo. (Bogdan e Biklen, 1994, pp. 47,48)

**CAPÍTULO III**  
**ANÁLISE INTERPRETATIVA**  
**DOS DADOS**

## 1.1 Análise e Tratamento de dados

Depois de ter realizado uma leitura atenta e recolhido dados sobre a importância que um educador tem no desenvolvimento das crianças, referido anteriormente na parte teórica deste relatório, nomeadamente na área da expressão plástica, e analisado as notas de campo recolhidas, percebi que o educador tem um papel fundamental. Contudo, na parte da observação direta, verificaram-se algumas incompatibilidades, ou seja, o que foi observado nem sempre correspondia ao ideal, ao que se pretende que seja o papel exemplar do educador referido na fundamentação teórica, como sendo o desejável.

Apesar da educadora realizar diversas atividades de expressão plástica ao longo da semana, usar bons materiais e proporcionar um ambiente estimulante para as crianças, apercebi-me que entre todas as notas de campo recolhidas, analisadas e categorizadas, se destacava uma “grande” categoria, a qual nomeei como “Obediência a padrões estéticos, segundo os padrões estéticos da educadora”, dentro desta distinguiram-se 2 subcategorias, tais como:

A. Respeito/imposição do tema;

B. Imposição estética ao nível de formas, cores e orientação do espaço(na folha).

Esta grande categoria, mostra-nos que a educadora valoriza muito mais o produto final produzido/realizado pelas crianças do que o processo em si. Foi observada, uma grande necessidade e preocupação, por parte da instituição, em querer sempre tudo bonito, com muitos pormenores, afim de embelezar a sala com os trabalhos realizados, com o intuito de agradar aos pais. Nota-se que há uma grande finalidade, ou seja, querer que os desenhos fiquem bonitos, dentro do critério específico. É de salientar, que sobressai sempre a preocupação estética do ponto de vista do adulto e não da criança.

A preocupação estética para uma criança, não é igual à de um adulto, Lowenfeld (1970), diz-nos que, o que para uns é belo, para outros não o é.

O crescimento é um processo contínuo em permanente variação, e isto também é válido na área da estética.(...) Há provavelmente, excessivo zelo acerca da importância de se desenvolver a consciência estética. Devemos recordar que isto é algo que não pode ser imposto de fora.(Lowenfeld e Brittain,1970,p.370)

O sentido estético, vai-se aperfeiçoando à medida que a criança cresce e se desenvolve, e cria-o à sua maneira e medida. Segundo Carchia e d'Ângelo (2009), o uso

da palavra estética na aceção da palavra, indica a filosofia do Belo e da Arte independentemente das circunstâncias de tempo e lugar. Assim sendo, o que para uns é belo, para outros pode não o ser. Logo, o educador pode incentivar a criança a ter mais gosto pelo que faz, mas não deve dizer-lhe diretamente o que é bonito ou feio.

Isto não significa que o professor deva simplesmente pôr-se à margem. Tal seria apenas desejável num mundo como o de *Peter Pan*, onde as crianças nunca chegam a crescer. Mas a criança encontra-se em permanente estado de transformação. O seu corpo e o seu cérebro vão amadurecendo; ajusta-se inevitavelmente, ainda que de modo inconsciente, ao meio social. O dever do professor é vigiar este processo orgânico – para ver se o seu ritmo não é forçado ou as suas tenras tentativas distorcidas. (Read, 19658, p.257)

É importante adquirir um sentido estético e este vai-se adquirindo ao longo da vida. “A estética nasce como tentativa de fundamentar criticamente tudo aquilo que num primeiro momento aparece como acidental e irracional, elevando-o a um estatuto normativo.” (Carchia e d’Ângelo, 2009, p.109) Assim sendo, as crianças devem poder trabalhar, criar, crescer de uma maneira livre, de forma a conseguirem olhar e “criticar” genuinamente aquilo que fizeram ao seu gosto. O educador, não deve criticar os trabalhos das crianças, principalmente, porque estes não agradam o seu sentido estético. “No fenómeno do Gosto[anuncia-se] uma subjectividade totalmente entregue a si próprio, à sua mais íntima liberdade. A estética é a resposta a esta situação.” (Idem, p.110) Ao falar de estética neste relatório, esta está relacionada com o belo, o bonito, a perfeição, que a educadora e a auxiliar procuram nos trabalhos das crianças.

(...) se os conceitos estéticos continuassem a funcionar como normas, não haveria espaço nem para o gosto, nem para o sentimento, mas tão somente para a aplicação de regras. Deste modo, permite-se a determinação de uma nova forma de conhecimento objectivo, um conhecimento que se baseia em pressupostos lógico-rationais, mas que também não se reduz a uma mera intuição muda. (Carchia e d’Ângelo, 2009, p.110)

A partir daqui surge-nos a primeira subcategoria.

**Nesta primeira subcategoria - A, “Respeito/imposição do tema”,** constatei que quase todas as atividades de expressão plástica realizadas tinham um tema pré escolhido, resultando maioritariamente do seguimento de uma história contada no início do dia e sobre dias festivos, ex.: dia da mãe, santos populares, natal, etc.

No seguimento de uma atividade anterior (leitura da história “A que sabe a lua.”), pedi às crianças do grupo para decorarem com desenhos uma fita grande, cada uma com o tamanho de cada criança, representando a sua altura. Foi referido que poderiam representar as personagens da história, afim de cada criança decorar a sua fita ao seu gosto.

Ed. – Não se esqueçam que estão a pintar com lápis de cera por isso carreguem bem.

A atividade foi passando e a ed. ia dizendo - quero ver cores, borboletas, corações, não se esqueçam de desenhar todos os animais da história.

A auxiliar ia fazendo o mesmo, por vezes exemplificando no próprio desenho da criança, dizendo – Vês? Faz assim com mais cor (ao mesmo tempo que desenhava corações na fita)

(Nota de campo Nº 2, 14/3/2013)

Como se pode constatar na nota de campo parcialmente transcrita, a educadora e a auxiliar sentiram necessidade de interferir no trabalho da criança, dando sugestões do que deveria ser desenhado e focando mais uma vez a preocupação de desenharem de acordo com o tema falado anteriormente em grande grupo. Quase todas as notas de campo recolhidas, referem no início o tema sugerido pela educadora.

É a liberdade vivida, proporcionada e estimulada, que permite à criança ser como é, assumir-se com naturalidade, expressar-se com espontaneidade. A imposição não educa. Toda a educação que se fundamente em fórmulas imperativas está condenada ao fracasso, pois que toda a imposição gera sentimentos de oposição por parte de quem a ela tem que se submeter.(Sousa,2003,p.123)

É fundamental que as crianças ao realizarem atividades com temas pré-escolhidos pelo adulto, depois deste ser dado (o tema), a criança deve ter total liberdade para desenhar, pintar, modelar, etc. como vê, como sente ou até mesmo como imagina. Ao dar um tema às crianças, o educador já está a reduzir as possibilidades de criação das mesmas, logo, não deve continuar a insistir o que cada um deve desenhar na sua folha. Foi o caso observado na nota de campo Nº2, o tema já tinha sido dado, logo a educadora e a auxiliar não deveriam insistir mais, porque se para elas é importante ver todas as personagens da história no desenho, para algumas crianças faria sentido desenhar aquela que por alguma razão lhes chamou mais a atenção.

Percebe-se contudo, que por vezes os educadores têm temas a trabalhar, definidos no início do ano letivo pela própria instituição, nomeadamente temas festivos

(natal, páscoa, carnaval, dia da mãe e dopai, etc.), devem no entanto dentro destes temas, permitir que cada criança desenvolva o mesmo como pretende.

Nesta primeira subcategoria (A), apercebemo-nos que as atividades de expressão plástica, neste contexto observado, passam todas por um tema pré escolhido, não dando à criança possibilidade de escolha do tema. As crianças podem dar seguimento a um tema abordado anteriormente, mas não lhes deve ser dito diretamente o que deve ser feito, permitindo-lhes assim desenvolver a sua imaginação, expressividade, autoconfiança, etc.

Deve haver respeito pelo que a criança faz, tentando não impor a nossa vontade. É de notar que a educadora tenta que as atividades de expressão plástica, sigam um caminho de acordo com a sua finalidade.

**Na segunda subcategoria – B, “Imposição estética ao nível de formas, cores e orientação do espaço (na folha)”**, destacou-se a imposição e orientação dos trabalhos, valorizando a vertente estética. Esta vertente deve ir ao encontro do preenchimento das intenções da própria criança, ou seja, de satisfazer o gosto, o prazer, o sentido estético da mesma e não as necessidades da educadora e da auxiliar. “Não há dúvida de que os valores estéticos de nossa sociedade são transportados, direta ou indiretamente, para os jovens”( Lowenfeld, Brittain,1970,p.380). Nesta subcategoria, é de salientar que muitas das notas de campo recolhidas referem uma constante “preocupação” por parte da educadora em querer que todos os espaços em branco das folhas sejam preenchidos pelas crianças, que todos os desenhos, pinturas evidenciem muitas cores e um traço forte. Existe uma necessidade constante em que tudo esteja perfeito, valorizando a estética de uma forma desadequada, impondo o seu gosto pessoal, pedindo constantemente para fazerem mais, não pensando se isso irá ou não valorizar mais o trabalho realizado pelas crianças. Não partindo das próprias crianças, essas ações não são genuínas, logo não acrescentam nada de positivo para as mesmas. O preenchimento e o uso de muitas cores, não é forçosamente uma qualidade estética, neste caso será apenas para a educadora e auxiliar.

Nas notas de campo a seguir N° 1 e 9, esta preocupação está bem evidenciada.

Numa altura em que a educadora estava a pendurar os desenhos das crianças realizados naquela manhã.

Ed. – L.(auxiliar) pega nos lápis de cor, porque os desenhos estão o máximo mas precisamos de carregar mais, é uma pena os desenhos estão tão giros e vê-se pouco.

Olhou para mim e disse:

- não estou a alterar nada (riu-se), estou só a fazer com que se note mais as cores. Quero que os pais entrem na sala e se vejam bem os desenhos, que se veja cor. (Nota de campo N°1, 11/3/2013)

Consegue-se perceber que no decorrer das atividades, por vezes a educadora e a auxiliar sentiam a necessidade de intervir no que as crianças estavam a fazer, sem terem a noção de que estavam a invadir o espaço da criança e a interferir diretamente no desenho da mesma. Isto não deve acontecer, pois faz com que a criança não acredite nas suas próprias capacidades e possa ficar inibida, podendo no futuro não querer fazer mais desenhos por achar que não consegue o suficiente para agradar os outros.

Mais uma vez, na nota de campo que se segue verificamos a “invasão de espaço” por parte de um adulto da sala, no sentido de valorizar a opção estética da educadora e é também notório um comentário realizado pela auxiliar em que esta emite uma consideração sobre a criança.

Os desenhos estão a secar enquanto as crianças vão ao recreio da manhã. Enquanto isso a auxiliar aproveita para retocar os desenhos.

Esta apercebeu-se de que eu estava a ver o que ela estava a fazer, e disse-me:

Aux. – Este T. é sempre o mesmo, faz tudo a despachar e é uma pena, porque ele até consegue. Vou só dar aqui um jeitinho porque assim como está não vai dar a ideia pretendida.(Nota de campo N°9, 6/5/2013)

Na minha opinião os desenhos não devem ser retocados ou melhorados, devem ficar exatamente como as crianças os desenharam, só assim é que o trabalho realizado pelas mesmas é fiel ao que pretende expressar através dos mesmos, mostrando também as suas capacidades. Não nos podemos esquecer que um desenho funciona como um espelho de como a criança se vê e se este foi modificado por outro, logo a imagem que vê está deturpada. “A criança deve envolver-se em sua experiência artística e, com esta, identificar-se”. (Lowenfeld e Brittain,1970,p.165)

Logo, é importante que as crianças projetem os objetos do seu imaginário, que por qualquer razão lhes interessam e que estão de acordo com as suas possibilidades e não porque lhes impõem. Desta forma a educadora determina o que as crianças têm que fazer e a maneira como o fazem, assim a expressão plástica não tem sentido, pois esta deve ser livre. Não nos podemos esquecer que o que é perfeito para uns não é para os outros. Segundo Lowenfeld (1977) citado por Sousa (2003,p.182) “[o educador, não

deve] «corrigir» ou «ajudar» a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe a intencionalidade do adulto.

Parte-se do princípio que o educador deve estar por perto das crianças a fim de dar apoio quando estas necessitam e esse apoio é fundamental, mas no entanto também acontece o apoio ter o efeito oposto, porque não é dado no sentido de valorizar o trabalho das mesmas, fazendo com que as crianças se tornem cada vez mais inseguras e que percam a sua autoestima.

Mais uma vez, nas próximas notas de campo N<sup>o</sup>4, 5 e 6 apercebemo-nos da importância da valorização da vertente estética, havendo uma visível imposição da cor, por parte dos adultos da equipa de sala.

O T. vai mostrar à educadora o seu desenho. A ed. Olha para o desenho e diz:

- Ah! que bem...porque é que fez tudo verde? Não tinha mais cores? E por acaso nós somos todos verdes? Coitadinhos de nós... Vê-se mesmo que deu o seu melhor...Vá, vá fazer de novo e dê um tom diferente para dar alegria, afinal de contas estamos na primavera. (Nota de campo N<sup>o</sup>4, 4/4/2013)

Aqui apercebemo-nos que a educadora faz um comentário depreciativo ao trabalho da criança, em vez de a encorajar a querer dar o seu melhor, mesmo que esta já o tenha feito. A educadora deve sempre acreditar que as crianças fazem sempre o melhor que conseguem. Lowenfeld e Brittain (1970) dizem:

(...) não deve parecer estranho que a criança escolha sua cor favorita, para pintar o retrato da mãe, sobretudo, se se sentir emocionalmente ligada por sentimentos de afeto. Existem, frequentemente, outras razões para selecionar certa cor para determinado objeto.(...) É possível que as crianças expressem intenções psicológicas mais profundas em sua escolha das cores.(pp.153,154)

Na nota de campo a seguir, mais uma vez conseguimos observar o mesmo tipo de comentário.

A educadora passeia pela sala observando os desenhos das crianças da sala. Pára ao lado de uma delas e diz:

Ed.: - Este desenho está lindo, não está P.? Olhe para isto, é uma pena...a mãe por acaso tem os braços do tamanho do mundo??? Parece um desenho de 3 anos, que vergonha. E por acaso a mãe não tem pestanas? Um laço na cabeça? Qualquer coisa para ficar mais bonita?... (Nota de campo N<sup>o</sup>5, 10/4/2013)

Aqui a educadora está a interferir sobre a forma como a criança desenha e não o deveria ter feito. Nestas idades, uns braços do tamanho do mundo poderão querer dizer muito: Uma chamada de atenção para falta de carinho? Uma demonstração de afeto, de

amor?, e não porque a criança não saiba que os braços da mãe não são gigantes, mas é assim que para ela naquele momento o são, no seu imaginário perfeito.

Na nota de campo N°6, mais uma vez observamos uma desvalorização do empenho da criança por parte da educadora e ainda a preocupação de agradar aos pais.

O T. foi ter com a educadora para mostrar o seu desenho.

Ed. - Já fez? Tão rápido?

T. - Sim e mostrou o desenho.

Ed. - Que mal pintado T. Isto é que é dar o seu melhor? Acho que tenho que falar com a mãe e dizer-lhe que o T. tem que ir para os 4 anos, está muito trapalhão, assim não pode ir para o 1º ano, é uma vergonha. Olhe para isto, com uma folha tão grande foi desenhar tudo aqui em baixo e tão pequenino. Vá se sentar e tente fazer melhor.  
(Nota de campo N°6, 18/4/2013)

A ação dos adultos não deve ser a de criticar mas sim de estimular e de consciencializar sobre o espaço, só assim as crianças sentem vontade de continuar.  
Sousa diz-nos:

As mais nefastas das acções do adulto, porém, são de escárnio, a indiferença ou o elogio injusto. Escarnecer, ridicularizar ou comentar ironicamente um desenho de uma criança, são acções violentas que podem na sua continuidade, ser psicologicamente traumáticas. Por muito condicionado e estereotipado que seja o desenho de uma criança, ele possui sempre uma forte carga de expressão dos seus sentimentos mais profundos e sinceros. Escarnecer um desenho é espezinhar os sentimentos nele expressos.(Sousa, 2003, p.174)

Também nas notas de campo N° 7 e 8, se torna evidente a imposição estética. O educador sente a necessidade de incentivar as crianças a preencherem os espaços em branco e a usar diferentes cores.

Tenho que estar sempre a dizer tudo...

Espere lá, faça uma flores, eu vou ensinar, (ao mesmo tempo que desenhava no próprio desenho da criança ia dizendo):

Ed. – Está a ver? Assim, vê? Muito gira!

Agora vá para o seu lugar e vai fazer aqui outra exatamente igual.  
(Nota de campo N° 7, 24/4/2013)

Mais uma vez, na minha opinião essas decisões devem partir das crianças, tornando desta forma os desenhos mais pessoais e que melhor correspondem às suas intenções, tornando-os mais imaginativos, mais criativos, mais significativos, fugindo a uma formatação.

O educador deve apoiar as crianças e não sugerir o que estas devem desenhar ou não.

A grande tendência do adulto para «ensinar» é também por vezes educacionalmente bastante negativa.(...) Considerando como imperfeição a diferença entre o que a criança desenhou e a realidade visual, o adulto inicia muitas vezes uma série de demonstrações de «como deve ser» o desenho que espera dela. (...) [Assim desta forma] a liberdade de criar e a espontaneidade expressiva foram cortadas pelo desejo de executar desenhos do agrado do adulto. (Sousa, 2003, p.173)

Na nota de campo seguinte, a educadora insiste em dizer às crianças o que devem fazer,

No decorrer de uma atividade de expressão plástica – Desenho sobre a história “Coração de Mãe”.

A Ed. estava a passar pelas mesas observando as crianças e o seu trabalho. Parou ao pé da mesa da M.

Ed. - A M. não fez nariz na mãe, vai ter que fazer, e é preciso também aqui (apontando para o desenho) umas borboletas, uns corações...tem que ficar mais preenchido, mais bonito. (Nota de campo Nº 8, 6/5/2013)

Segundo Sousa(2003), quando uma criança começa a desenhar para agradar os adultos, esta está a anular-se. O educador deve deixar que a criança desenhe como sabe e como quer. A criança, não deve seguir o sentido estético do adulto, mas sim o seu.

As notas de campo Nº 6,7,8 e 10, mais uma vez, reforçam a preocupação por parte dos adultos da sala, para que tudo seja perfeito de maneira a agradar os pais, referindo por vezes que estes podem ficar tristes se os “desenhos” não estiverem muito bonitos. Perante atitudes como estas, é normal que as crianças se sintam retraídas e por vezes com receio do que vão ouvir. Também nestas notas de campo nos apercebemos que os adultos ao ter a necessidade de agradar eles mesmos aos pais, acabam por “retocar” os trabalhos das crianças mesmo sem estas se aperceberem disso. É de facto uma atitude que os adultos não devem tomar, mesmo que achem que vá valorizar os trabalhos das crianças, eles devem permanecer intactos, tal e qual as crianças os deixaram. Ao agir desta forma, a educadora, põe de lado a opinião e a livre expressão das crianças, estando constantemente a dar opiniões e sugestões sobre os trabalhos, nomeadamente referindo que quer ver muitas cores nos desenhos. A cor não é o mais importante “Como se a cor de uma porta pudesse corresponder à grandeza do edifício que está para lá dela.(...)Os desenhos ou pinturas infantis não precisam de nos agradar pela sua beleza externa. A beleza da arte infantil está no conteúdo representativo da alma da criança.”(Sousa, 2003, pp.178,179)

A nota de campo que se segue, mostra-nos a insistência da educadora em querer ver tudo de acordo com o que para si é correto, mesmo sabendo que nem todas as crianças o conseguem ou querem.

“Ed. - Está melhor, mas é pena que em desenhos tão pequeninos saia tudo por fora.

T. mesmo que não goste vai aprender a pintar bem, tem é que treinar! Agora vá se sentar.” (Nota de campo Nº6, 18/4/2013)

Mais uma vez Sousa (2003) refere que se rotulam crianças em função de complementos circunstanciais externos, ou seja através de trabalhos produzidos pelas mesmas. Isto não deve acontecer, pois a expressão plástica infantil não serve para produzir artistas e rotular crianças.

Na nota de Campo Nº7, o trabalho e a própria criança, são postas em causa, e segundo a educadora, a mãe da criança pode ficar triste com o trabalho apresentado. Uma criança não deve sentir este tipo de pressão.

O J. foi ter com a educadora para mostrar o seu desenho.

Ed. - Porque é que pintou a árvore por dentro? quase que não se percebe a diferença da parte de cima com a parte de baixo. A mãe vai ficar triste, olhe para isso, e não vai fazer mais nada? Nem flores nem nada? (Nota de campo Nº 7, 24/4/2013)

Sousa(2003), leva-nos a crer que todas estas chamadas de atenção por parte do adulto às crianças, pode fazer com que estas criem aversão ao desenho e à pintura respondendo, quando lhes é solicitado a fazerem atividades de expressão plástica, que não sabem desenhar ou até que não têm jeito. Nestas idades, as crianças não devem ter estas preocupações, mas sim tirar o máximo proveito de situações de livre expressão. Devendo as crianças serem estimuladas a acreditar que a sua expressão é perfeita. Através da exploração livre as crianças fazem descobertas e adquirem novas experiências.

Na nota de campo seguinte, é bem visível a preocupação da educadora:

“Ed. - Depois as mães reparam...e ainda por cima ela costuma desenhar tão bem, que não percebo... “(Nota de campo Nº8, 6/5/2013)

Mais uma vez nos confrontamos com a preocupação de agradar aos pais e não na verdadeira finalidade de uma atividade de expressão plástica.

A sua finalidade consiste em servir a criança, oferecendo-se como importante ajuda ao seu desenvolvimento, sem se preocupar com o

facto de nós adultos, considerarmos «belo» ou «feio» o resultado da sua actividade. (Lowenfeld, citado por Sousa, 2003, p.179)

Por último, a nota de campo Nº 10, foca a importância do trabalho de expressão plástica correr bem ao nível da organização do espaço e do tempo previsto para aquela atividade, dos materiais e do produto final em si, dando menos importância à nova experiência/técnica utilizada a que as crianças foram submetidas e sem disfrutarem dela como era de esperar.

Depois do intervalo a ed. pediu para todos se sentarem nos lugares a fazerem um desenho livre e explicou que iria chamar dois a dois para irem fazer a pintura dos balões acompanhados dela e da aux.

Na altura de pintar com os balões a ed. chamou duas crianças, uma está a trabalhar com a aux. e outra com ela.

Ed. - L.(aux.) fazemos assim, (exemplificando com a criança), pomonos por trás deles e com a ajuda da nossa mão carimbamos com os balões, porque se fizerem sozinhos estás a ver como tudo vai ficar.

Aproximei-me para tirar algumas fotografias para o meu registo, e a ed. disse-me:

Ed. - Maria José deixe-me tirar a mão (que estava por cima da mão da criança), porque assim dizem que eles não fazem nada sozinhos!(Riu-se)

Nesta altura a aux. fez o mesmo. (Nota de campo Nº 10, 6/5/2013)

Esta atividade consistia em carimbar com balões pequenos, uma árvore pintada no dia anterior, estes carimbos iriam dar a ideia de maçãs. Havendo a preocupação por parte dos adultos da sala, em que tudo saísse bem para não estragar o desenho feito anteriormente, vê-se que estes se sobrepe-se à criança, quase fazendo o trabalho pela mesma.

Lowenfeld(1977), diz-nos que não se deve mostrar à criança como se deve fazer, como se desenha ou pinta. Diversas técnicas “deverão ser colocadas ao serviço da satisfação das necessidades da criança, nunca constituindo áreas de ensino de «como se faz» de «como se deve fazer». “São áreas de completa liberdade de exploração criativo-expressiva e não de aprendizagem de execução técnica”.(Sousa, 2003, p.183) ou seja, se um educador pretende fazer atividades de expressão plástica com as crianças, não deve estar preocupado se as crianças poderão estragar algo que já foi feito, assim as crianças não disfrutam de novas experiências e limitam-se a fazer com a ajuda do adulto que comanda, fazendo com que a sua expressividade que fique anulada. Contudo, não podemos esquecer que a aquisição da técnica deve ser cuidada, é importante como esta é adquirida, mas ao ser dada a conhecer, o adulto não deve posteriormente fazer pela

criança, ao ter hipóteses de experimentação, a criança vai desenvolvendo esta aquisição de uma forma construtiva.

Nesta última Subcategoria (B), nota-se uma crescente preocupação por parte dos adultos da sala em agradar aos pais, tomando por vezes atitudes menos corretas, tais como retocar os desenhos das crianças sem estas se aperceberem, impor formas nos desenhos, ex.: flores, corações, borboletas, etc., impor cores e preenchimento de espaços em branco. Tais atitudes não devem acontecer, pois fazem com que as crianças se sintam inibidas e pensem que não conseguem atingir um nível que agrade os adultos que as rodeiam. As crianças devem sentir que atividades como as de expressão plástica, devem ser livres e cativantes, fazendo com que queiram realizá-las mais vezes, sentindo o apoio por parte dos adultos da sala. “Uma atitude calorosa, sincera para com os alunos, favorece e estimula a produtividade”.(Lowenfeld e Brittain,1970,p.78)

Termino este capítulo focando mais uma vez a importância que têm as atividades de expressão plástica para o desenvolvimento das crianças. Através da manipulação de diferentes materiais, estas adquirem experiências sensoriais que as ajudam a expressar os seus sentimentos, o seu eu interior e de alguma forma representam a realidade em que vivem, o mundo que as rodeiam.

Como todo contato ou toda comunicação com o meio se estabelece através do eu, é de grande importância estimular a sensibilidade em relação ao eu. Portanto qualquer motivação artística,(...)deve começar, diretamente, com a própria criança. Sabemos que a evolução artística infantil acompanha os padrões gerais do desenvolvimento.(Lowenfeld e Brittain,1970,pp.165,166)

Tendo liberdade para explorar materiais de uma forma livre, sejam materiais gráficos e plásticos as crianças desenvolvem também capacidades a vários níveis. “Cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo”.(Lowenfeld e Brittain,1970,p.35) Logo, é fundamental que as atividades de expressão plástica não sigam moldes estereotipados.

## **CONCLUSÃO**

## Conclusão

Tendo chegado ao final deste relatório, pretendo efetuar uma retrospectiva da evolução do mesmo, tendo em conta o problema e as questões colocadas, os objetivos propostos, a metodologia utilizada e as principais conclusões a que cheguei. Assim sendo, após a identificação do problema e a formulação do mesmo, tendo como base os meus objetivos, “ Por que razão a educadora sente necessidade de interferir ao ponto de realizar ou de impor o seu gosto quando propõe trabalhos de expressão plástica”, estes serviram de ponto de partida para esta observação e posterior relatório.

Surgiram três perguntas para as quais tentei obter resposta, nomeadamente:

- De que forma as estratégias adotadas pela educadora podem desenvolver a criatividade e autonomia das crianças do grupo?
- Quais as possíveis estratégias de alteração das “obras” mantendo a sua integridade e o respeito pela Identidade da criança?
- Quais os objetivos que se pretendem atingir com a alteração dos trabalhos de Expressão Plástica?

Os objetivos que pretendia atingir, focam-se na observação das orientações/estratégias utilizadas pela educadora em atividades de expressão plástica e perceber se os mesmos se encontram de acordo com as orientações/estratégias referidas anteriormente na parte teórica deste relatório.

Para a obtenção destes resultados, segui uma metodologia de investigação de carácter qualitativo, onde pude observar diretamente a ação da educadora e da auxiliar, esta oportunidade foi-me dada durante o tempo de estágio. Através desta observação direta, consegui obter material, que me levou, depois de recolhido e analisado, à obtenção de respostas às questões e objetivos propostos no início.

Senti que havia uma preocupação por parte da equipa de sala, para que todos os “trabalhos” ficassem atrativos afim de os expor nas paredes da sala e poderem ser apreciados pelos pais. Muitas vezes estes eram retocados pelos adultos o que não deveria acontecer, cada criança faz o que consegue, como consegue e como acha que está bem para ela. É fundamental que as crianças possam explorar à vontade os materiais de expressão plástica de uma forma livre. Os pais devem ter o direito de observar os trabalhos realizados pelos filhos numa vertente “verdadeira”, real, dando-lhes assim também uma noção da evolução dos seus filhos.

Este estágio deu-me a oportunidade de observar uma perspetiva mais realista das atitudes que se tomam em sala de aula e gostaria de ver algumas delas serem alteradas, dando mais hipóteses às crianças de serem livres na sua maneira de se expressarem através da expressão plástica. Desta forma, consegui responder às perguntas colocadas e aos objetivos propostos.

As principais conclusões que se retiraram deste relatório, foram:

- A educadora tem necessidade e a preocupação de apresentar trabalhos elaborados, com bastantes pormenores, com o intuito de agradar à instituição e aos pais;
- As técnicas utilizadas, eram atrativas, as crianças aderiam às atividades, mas os seus trabalhos, por vezes acabavam por ser retocados pelos adultos da sala, com a finalidade de ficarem coloridos, valorizando desta forma a intencionalidade da educadora – agradar aos adultos.

Espero que um dia, num futuro próximo consiga mudar um pouco estas atitudes e principalmente não caia no mesmo erro.

Tendo a oportunidade de dar continuidade a este projeto, gostaria de poder ter mais tempo de observação e poder explorar mais a opinião e o sentido estético das crianças. Os adultos pensam muito pouco sobre o ponto de vista das crianças com que interagem diariamente. Faz-me sentido, querer perceber que materiais as crianças mais gostam de usar/trabalhar. Que materiais gostariam de utilizar mais vezes e porquê. Gostaria de perceber a recetividade quanto à reutilização e reciclagem de materiais do quotidiano nas atividades de expressão plástica e por último gostava de saber que tipo de materiais gostariam de utilizar e que nunca utilizam.

Por outro lado gostaria de realizar entrevistas a diversos profissionais de educação, afim de obter mais respostas sobre a maneira como se trabalha a área da expressão plástica em jardim de infância e saber a opinião dos mesmos sobre a matéria e como se poderia explorar esta área de uma forma mais criativa e atrativa, tendo como foco principal as crianças e o seu desenvolvimento.

## Referências Bibliográficas

- AFONSO, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação - Como Fazer Investigação em Educação*. Editora: Edições Asa. Porto
- ARGAN, G., FAGIOLO, M. (1994). *Guia de História da Arte*. Editora: Editorial Estampa. Lisboa
- ARNHEIM, R. (1998). *Arte e Percepção Visual. Uma Psicologia da Visão Criadora*. Editora: Pioneira. São Paulo
- BARRETT, M. (1979). *Educação em Arte*. Editora: Editorial Presença. Lisboa
- BAUMGART, F. (1994). *Breve História da Arte*. Editora: Martins Fontes. São Paulo
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa Em Investigação-Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Editora: Porto Editora. Porto
- CARCHIA, G., D'ÂNGELO, P. (2009). *Dicionário de Estética*. Editora: Edições 70. Lisboa
- CARDOSO, C. e VALSASSINA, M. (1972). *Arte Infantil: linguagem Plástica*. Editora: Meridiano. Lisboa
- CARDOSO, C. e VALSASSINA, M. (1988). *Arte Infantil: linguagem Plástica*. Editora: Editorial Presença. Lisboa
- COSTA, J. B. (1966). *Da pedagogia não directiva como pedagogia personalista*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa
- COX, M. (1995). *Desenho da Criança*. Editora: Martins Fontes. São Paulo
- DEBIENNE, M-C. (1977). *O Desenho e a Criança*. 1ª ed. Editora: Moraes Editores. Lisboa
- DUBORGEL, B. (1992). *Imaginário e pedagogia*. Instituto Piaget. Almada
- ESTACA, S. (1999). *Para a Livre Expressão do Eu na Pintura e no Desenho do Educador, Meio e Material*. (Monografia do Curso Superior). ESEI MARIA ULRICH. Lisboa
- FREINET, C. (1977). *O Método Natural II: A aprendizagem do Desenho*. Editora: Editorial Estampa. Lisboa
- GONÇALVES, E. (1991). *A Arte Descobre a Criança*. 1ª edição. Editora: Raiz. Amadora
- JANSON, H. W., (1992). *História da Arte*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa
- KAMII, C. (2003). *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. Editora: Instituto Piaget

- LOWENFELD,V., Brittain. (1970).*Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. Editora: Mestre Jou. São Paulo
- LEITE,E.,MALPIQUE,M. (1986).*Espaços de Criatividade: A Criança que fomos/A Criança que Somos...Através da Expressão Plástica*. Editora: Edições Afrontamento. Porto
- LUQUET,G. (1979).*O Desenho Infantil*. Editora: Livraria Civilização. Porto
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1997).*Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Com a coordenação de M. Isabel Ramos Lopes da Silva
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.(2010).*As Artes no Jardim de Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*.Com a colaboração de José Carlos Godinho e Maria José Nunes de Brito
- PIAGET,J. (1971).*A Formação do Símbolo da Criança*. Editora: Zahar editores. Lisboa
- QUINTELA,H.,VALADARES,A.(1997)(Revisoras da obra).*Enciclopédia de Educação infantil – Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar – Expressão Plástica. (Vol.5)*. Editora: Nova Presença. Rio de Mouro
- READ,H. (1958).*A Educação pela Arte*. Editora: Edições 70.Lisboa
- ROGERS,C. (1985).*Tornar-se Pessoa*. Editora: Moraes Editores. Lisboa
- SANTOS,J.at al. (1966).*Educação Estética e Ensino Escolar*. Publicações Europa-América. Lisboa
- SIMÃO,A. at al. (2010).*Psicologia da Educação-Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Editora: Relógio d'Água. Lisboa
- SCHAFFER,H. (2005).*Introdução à Psicologia da Criança*. Editora: Instituto Piaget. Lisboa
- SOUSA,A.(2003).*Educação Pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas*. 1º Vol. Editora: Instituto Piaget
- SOUSA,A.(2003).*Educação Pela Arte e Artes na Educação. Música e Artes Plásticas*. 3º Vol. Editora: Instituto Piaget
- STERN,A. (1974). *A Expressão*. Editora: Livraria Civilização. Porto
- STERN,A. (1977).*Iniciação à Educação Criadora*. Editora: Socicultur. Lisboa
- STERN,A. (n.d.) *Uma nova compreensão da Arte Infantil*. Editora: Livros Horizontes. Lisboa

## Legislação consultada e outros documentos

- ALMEIDA,P. <http://allartsgallery.com/pt-PT/naif..> (acedido em 10 de julho de 2013)
- BAPTISTA,D.(2012) *A Criança e o Desenho* <http://www.olharpedagogico.com>. (acedido em 26 de setembro de 2013)
- BLATTMANN,U.,PINTO,M.(2002)*Importância do desenvolvimento criativo em ambientes educacionais e organizacionais*. [Formato PDF]  
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15689/000688614.pdf>  
Rev.Acb: biblioteconomia em santa catarina, v. 7, n. 1,(acedido em 28 de setembro de 2013)
- CARDOSO,L.ePAIVA,A.(2010) *A Importância do Desenho Infantil no Processo de Alfabetização*.<http://www.pedagogia.com.br/artigos/deshonaalfabetizacao/index.php?pagina=0> (acedido em 26 de setembro de 2013)
- COUTINHO,C.<http://claracoutinho.wikispaces.com/Investiga%C3%A7%C3%A3o+qualitativa+passos+fundamentais>.(acedido em 12 de janeiro de 2013)
- PEREIRA,M.[http://www.sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/06/raesed06\\_artigo08.pdf](http://www.sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/06/raesed06_artigo08.pdf)  
Sumaré Revista Acadêmica Eletrônica, (acedido em 28 de setembro de 2013)
- TERRA,M.R.<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>  
(acedido em 28 de julho de 2013)
- ZOPELARI,L.(2007). *Desenho: Uma Forma E Desenvolvimento Infantil*. [Formato PDF]  
[http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/biblioteca/112/artigo\\_desenho\\_livre\\_la\\_uri\\_2\\_1\\_.pdf](http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/biblioteca/112/artigo_desenho_livre_la_uri_2_1_.pdf) (acedido em 10 de setembro de 2013)
- Notas sobre os paradigmas da investigação em educação*. (acedido em 12 de janeiro de 2013) [FormatoPDF] <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/Fernandes.Pdf>
- <http://www.dge.mec.pt/educacao infancia/index.php?s=directorio&pid=1/>(acedido em 19 de junho de 2013)
- <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia.aspx>(acedido em 20 de junho de 2013)
- <http://todosentimos.wordpress.com/expressao-plastica/o-papel-do-professor/>(acedido em 2 de julho de 2013)
- [www.dgidec.min-edu.pt/data/.../comp\\_essenc\\_educacaoartistica.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/data/.../comp_essenc_educacaoartistica.pdf). [Formato PDF]  
(acedido em 6 de julho de 2013)

<http://sdi.ipiaget.org/bibliopac/bin/wxis.exe/bibliopac/>? (acedido em 20 de setembro de 2013)

<http://conceito.de/arte#ixzz2kcSEd7fE>(acedido em 22 de setembro de 2013)

*Arte Rupestre*. [Formato PDF]

<http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguiar/arterupestre.pdf>(acedido em 24 de setembro de 2013)

<http://hdl.handle.net/10400.12/2054> (acedido em 4 novembro de 2013)

[http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2054/1/1982\\_12\\_205.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2054/1/1982_12_205.pdf)

## **ANEXOS**

## Notas de Campo

<p><b>Nota de campo n° - 1</b></p> <p><b>Data</b> – 11 de março de 2013</p> <p><b>Local</b> – Sala dos 5 anos</p> <p><b>Intervenientes</b> - Educadora e auxiliar</p>	
<p>Numa altura em que a educadora estava a pendurar os desenhos das crianças realizados naquela manhã.</p> <p>Ed. – L.(auxiliar) pega nos lápis de cor, porque os desenhos estão o máximo mas precisamos de carregar mais, é uma pena os desenhos estão tão giros e vê-se pouco.</p> <p>Olhou para mim e disse: - não estou a alterar nada (riu-se), estou só a fazer com que se note mais as cores. Quero que os pais entrem na sala e se vejam bem os desenhos, que se veja cor.</p>	<p>Qual a necessidade de carregar mais nas cores dos desenhos. Não estariam assim porque as crianças o desejariam?</p> <p>Qual a necessidade de estar sempre tudo tão colorido? Nós não estamos sempre recetivos a tudo da mesma maneira e as crianças também não.</p> <p>Será que a intenção de passar por cima dos desenhos afim de se verem mais, de uma forma mais definida, não seria uma maneira de corrigir as deformidades dos desenhos?</p>
<p>Desta forma a educadora determina o que as crianças têm que fazer, assim a expressão plástica não tem sentido, pois esta deve ser livre. Não nos podemos esquecer que o que é perfeito para uns não é para os outros. Segundo Lowenfeld citado por Sousa (2003,p.182) “[o educador, não deve] «corrigir» ou «ajudar» a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe a personalidade do adulto.</p>	

**Nota de campo nº - 2**

**Data** – 14 de março de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e auxiliar

No seguimento de uma atividade anterior (leitura da história “A que sabe a lua.”), pedi às crianças do grupo para decorarem com desenhos uma fita grande, cada uma com o tamanho de cada criança, representando a sua altura. Foi referido que poderiam representar as personagens da história.

Ed. – Não se esqueçam que estão a pintar com lápis de cera por isso carreguem bem.

A atividade foi passando e a ed. ia dizendo - quero ver cores, borboletas, corações, não se esqueçam de desenhar todos os animais da história.

A auxiliar ia fazendo o mesmo, por vezes exemplificando no próprio desenho da criança, dizendo – Vês? Faz assim com mais cor (ao mesmo tempo que desenhava corações na fita)

Ed. – Quero ver tudo preenchido, não quero espaços vazios, quero ver cores diferentes e não tudo com duas cores. Quero ver casas, animais, o vosso retrato, muitas coisas giras!

No fim a educadora perguntou-me – Está giro não está?

Eu sorri e disse que sim.

Ed. – Gosto sempre de dar um toque final!

Qual a necessidade de carregar de ao longo da atividade ir insistindo no que devem desenhar?

Desta forma as crianças acabam por desenhar apenas aquilo que lhes pedem e não aquilo que lhes apetece...

No final as fitas ficaram muito giras, mas as crianças estiveram sempre a ser estimuladas e incentivadas a fazer de uma certa forma, a fazer mais, mesmo quando diziam que já tinham acabado e que gostavam assim.

Por vezes é necessário estimular as crianças, mas quando nos apercebemos de que estão não estão a querer fazer por alguma razão, o que não era o caso. Aqui sentia-se a necessidade de agradar a educadora por esta gostar de ver as folhas dos desenhos sempre preenchidas ao máximo e cheias de cor.

Como se pode constatar, a educadora e a auxiliar sentiram necessidade de interferir no trabalho da criança, não só dando sugestões como também desenhando no próprio desenho. Isto não deve acontecer, pois faz com que a criança não acredite nas suas próprias capacidades e mais tarde possa ficar inibida, não querendo fazer mais desenhos por achar que não consegue o suficiente para agradar os outros.

Segundo Santos, A.(1977), citado por Sousa,

“Uma orientação não directiva deve, contudo, permitir que a criança encontre mais tarde a sua autonomia. Poder-se-á, pois, dizer que, no educador, uma atitude não directiva, é antes de mais, uma acção sobre si mesma, que (...) propicia à criança ser ela própria.(...) Uma verdadeira educação deve levar a criança a poder passar sem os seus educadores e assumir a sua liberdade.” (Sousa,2003,p.128)

**Nota de campo nº - 3**

**Data** – 25 de março de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e auxiliar

Dia de fazer o presente do dia da mãe -  
Desenho livre a caneta de acetato numa  
moldura de um espelho.

No intervalo a educadora estava a ver  
todos os desenhos que já tinham sido  
feitos.

Ed. – Este miúdo (T.) é sempre a mesma  
coisa. L.(auxiliar) pega nos lápis de cor,  
porque os desenhos estão o máximo mas  
precisamos de carregar mais, é uma pena  
os desenhos estão tão giros e vê-se pouco.

Olhou para mim e disse: - não estou a  
alterar nada (riu-se), estou só a fazer com  
que se note mais as cores. Quero que os  
pais entrem na sala e se vejam bem os  
desenhos, que se veja cor.

Qual a necessidade de carregar mais nas  
cores dos desenhos. Não estariam assim  
porque as crianças o desejariam?

Qual a necessidade de estar sempre tudo  
tão colorido? Nós não estamos sempre  
receptivos a tudo da mesma maneira e as  
crianças também não.

Será que a intenção de passar por cima  
dos desejos afim de se verem mais, de  
uma forma mais definida, não seria uma  
maneira de corrigir as deformidades dos  
desenhos?

A cor não é o mais importante “Como se a cor de uma porta pudesse corresponder à  
grandeza do edifício que está para lá dela.(...)Os desenhos ou pinturas infantis não  
precisam de nos agradar pela sua beleza externa. A beleza da arte infantil está no  
conteúdo representativo da alma da criança.”(Sousa, 2003, pp.178,179)

**Nota de campo nº - 4**

**Data** – 4 de abril de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e aluno(T.)

No decorrer de uma atividade de expressão plástica na sala – desenho sobre a família.

O T. vai mostrar à educadora o seu desenho. A ed. Olha para o desenho e diz:  
- Á que bem...porque é que fez tudo verde? Não tinha mais cores? E por acaso nós somos todos verdes? Coitadinhos de nós... Vê-se mesmo que deu o seu melhor...Vá, vá fazer de novo e dê um tom diferente para dar alegria, afinal de contas estamos na primavera.

Só por estar na primavera os desenhos têm que ser todos coloridos?

Porque razão a educadora têm a necessidade de querer que todos os desenhos tenham muita cor?

Não terá a criança desenhado tudo da mesma cor por alguma razão específica? ou talvez, porque neste dia lhe apetecia fazer tudo de uma só cor para variar?

A ação dos adultos não deve ser a de criticar mas sim de estimular, só assim as crianças sentem vontade de continuar.

As mais nefastas das acções do adulto, porém, são de escárnio, a indiferença ou o elogio injusto. Escarnecer, ridicularizar ou comentar ironicamente um desenho de uma criança, são acções violentas que podem na sua continuidade, ser psicologicamente traumáticas. Por muito condicionado e estereotipado que seja o desenho de uma criança, ele possui sempre uma forte carga de expressão dos seus sentimentos mais profundos e sinceros. Escarnecer um desenho é espezinhar os sentimentos nele expressos.(Sousa, 2003, p.174)

**Nota de campo n° - 5**

**Data** – 10 de abril de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e aluno(P.)

Atividade de desenho sobre o dia da Mãe

A educadora passeia pela sala observando os desenhos das crianças da sala. Pára ao lado de uma delas e diz:

Ed – Este desenho está lindo, não está P.? Olhe para isto, é uma pena...a mãe por acaso tem os braços do tamanho do mundo??? Parece um desenho de 3 anos, que vergonha. E por acaso a mãe não tem pestanas? Um laço na cabeça? Qualquer coisa para ficar mais bonita?...

A criança olhou para a educadora e não disse nada. A educadora dirige a palavra para o grupo todo:

Ed – Ó meninos, ouçam lá, então vocês não veem a mãe a usar brincos, pulseiras, lenços?... Quero ver desenhos de crescidos para as mães ficarem contentes.

Os braços da mãe neste desenho não queriam representar mesmo o tamanho do “mundo”, um abraço gigante? Um carinho especial?

Sabemos que as crianças não se encontram todos na mesma fase do desenho mesmo tendo todos a mesma idade, e se assim é, porquê reagir de igual forma com todas as crianças?

Porque é que a educadora sente necessidade de interferir sempre nos desenhos?

Como referido na nota de campo anterior, a ação dos adultos não deve ser a de criticar mas sim de estimular as crianças, só assim estas sentem vontade de continuar.

As mais nefastas das acções do adulto, porém, são de escárnio, a indiferença ou o elogio injusto. Escarnecer, ridicularizar ou comentar ironicamente um desenho de uma criança, são acções violentas que podem na sua continuidade, ser psicologicamente traumáticas. Por muito condicionado e estereotipado que seja o desenho de uma criança, ele possui sempre uma forte carga de expressão dos seus sentimentos mais profundos e sinceros. Escarnecer um desenho é espezinhar os sentimentos nele expressos.(Sousa, 2003, p.174)

**Nota de campo nº - 6**

**Data** – 18 de abril de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e aluno(T.)

No decorrer de uma atividade de desenho  
- tema livre, em folha A3.

O T. foi ter com a educadora para mostrar  
o seu desenho.

Ed. - Já fez? Tão rápido?

T. - Sim e mostrou o desenho.

Ed. – Que mal pintado T. Isto é que é dar  
o seu melhor? Acho que tenho que falar  
com a mãe e dizer-lhe que o T. tem que  
ira para os 4 anos, está muito trapalhão,  
assim não pode ir para o 1º ano, é uma  
vergonha. Olhe para isto, com uma folha  
tão grande foi desenhar tudo aqui em  
baixo e tão pequenino. Vá se sentar e tente  
fazer melhor.

O T. foi-se sentar e pouco tempo depois  
voltou a ir mostrar o desenho à ed.

Ed. – Está melhor, mas é pena que em  
desenhos tão pequeninos saia tudo por  
fora. T. mesmo que não goste vai aprender  
a pintar bem, tem é que treinar! Agora vá  
se sentar.

Será que o melhor para a educadora é o  
mesmo melhor para a criança?

Não desenhará a criança figuras sempre  
pequeninas por alguma razão?

Porque é que a educadora teve  
necessidade de dizer à criança, que  
mesmo que esta não goste vai aprender a  
pintar?

Como se pode observar nesta nota de campo, os adultos criticam em vez de estimular as crianças, Sousa (2003) diz-nos que o pior que um adulto pode fazer é ter uma atitude indiferente ao trabalho realizado pela criança ou fazer elogios injustos. Os adultos não devem fazer comentários irónicos aos desenhos podendo chegar mesmo a traumatizar a criança. Mais uma vez Sousa(2003) refere que se rotulam crianças em função de

complementos circunstanciais externos, ou seja através de trabalhos produzidos pelas mesmas. Isto não deve acontecer, pois a expressão plástica infantil não serve para produzir artistas e rotular crianças.

**Nota de campo nº - 7**

**Data** – 24 de abril de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e aluno(J.)

No decorrer de uma atividade de expressão plástica

O J. foi ter com a educadora para mostrar o seu desenho.

Ed. – Porque é que pintou a árvore por dentro? quase que não se percebe a diferença da parte de cima com a parte de baixo. A mãe vai ficar triste, olhe para isso, e não vai fazer mais nada? Nem flores nem nada?

Tenho que estar sempre a dizer tudo...

Espere lá, faça uma flores, eu vou ensinar, (ao mesmo tempo que desenhava no próprio desenho da criança ia dizendo):

Ed. – Está a ver? Assim, vê? Muito gira!

Agora vá para o seu lugar e vai fazer aqui outra exatamente igual.

A criança foi ao seu lugar fazer a flor e voltou para mostrar.

Ed. – Boa! Agora neste lado faz uma borboleta com umas pintinhas, fica logo tudo mais giro, e aqui devia ter feito o J. e a mãe maior, mas agora já está...

Porque é que a educadora insiste em dizer o que as crianças devem desenhar?

Porque é que a criança não poderia fazer uma flor como sebe e como gosta? Porque razão a ed. desenhou pela criança no seu desenho?

Porque é que a educadora teve necessidade de dizer à criança, que a mãe não ia gostar? Isso não contribui em nada positivo para a criança, só ajuda a baixar a autoestima.

A grande tendência do adulto para «ensinar» é também por vezes educacionalmente bastante negativa.(...) Considerando como imperfeição a diferença entre o que a criança desenhou e a realidade visual, o adulto inicia muitas vezes uma série de demonstrações de «como deve ser» o desenho que espera dela. (...) [Assim desta forma] a liberdade de criar e a espontaneidade expressiva foram cortadas

pelo desejo de executar desenhos do agrado do adulto.(Sousa, 2003, p.173)

Assim sendo, por vezes há crianças que sofrem por não conseguirem satisfazer os adultos com “trabalhos” ditos perfeitos, levando-os a ficarem oprimidos.

A sua falta de habilidade para corresponder a este propósito gera problemas psíquicos que já não encontram na expressão plástica a sua via de alívio catártico.(...) A execução do adulto levará a criança a inibir-se, pois que sabe não possuir capacidades para desenhar com aquela perfeição.(Sousa, 2003, pp.173,175)

Sousa(2003), leva-nos a crer que todas estas chamadas de atenção por parte do adulto às crianças, pode fazer com que estas criem aversão ao desenho e à pintura respondendo, quando lhes é solicitado a fazerem atividades de expressão plástica, que não sabem desenhar ou até que não têm jeito. Nestas idades, as crianças não devem ter estas preocupações, mas sim tirar o máximo proveito de situações de livre expressão. Devendo as crianças serem estimuladas a acreditar que a sua expressão é perfeita.

**Nota de campo nº - 8**

**Data** – 6 de maio de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora e aluno(M.)

No decorrer de uma atividade de expressão plástica – Desenho sobre a história “Coração de Mãe”.

A Ed. estava a passar pelas mesas observando as crianças e o seu trabalho. Parou ao pé da mesa da M.

Ed. – A M. não fez nariz na mãe, vai ter que fazer, e é preciso também aqui (apontando para o desenho) umas borboletas, uns corações...tem que ficar mais preenchido, mais bonito.

Voltou-se para mim e disse:

Ed. – Depois as mães reparam...e ainda por cima ela costuma desenhar tão bem que não percebo...

Porque é que a educadora teve necessidade de dizer à criança, que tinha que preencher mais o desenho?

Será que esta já o tinha terminado ou a ed. precipitou-se em fazer tais afirmações?

Terão as crianças sempre a mesma vontade de desenhar?

Porque é que a ed. se preocupa tanto com os comentários das mães? Não é mais importante perceber a opinião das crianças e as suas vontades?

Mais uma vez nos confrontamos com a preocupação de agradar os pais e não na verdadeira finalidade de uma atividade de expressão plástica.

A sua finalidade consiste em servir a criança, oferecendo-se como importante ajuda ao seu desenvolvimento, sem se preocupar com o facto de nós adultos, considerarmos «belo» ou «feio» o resultado da sua actividade. (Lowenfeld, citado por Sousa, 2003, p.179)

**Nota de campo nº - 9**

**Data** – 6 de maio de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora, auxilia e eu

Depois de uma atividade de expressão plástica – Pintura com esponja

Depois de cada criança ter pintado uma árvore com esponja, estas irão pintar “maçãs” com a técnica dos balões por cima da primeira pintura.

Os desenhos estão a secar enquanto as crianças vão ao recreio da manhã. Enquanto isso a auxiliar aproveita para retocar os desenhos.

Esta apercebeu-se de que eu estava a ver o que ela estava a fazer, e disse-me:

Aux. – Este T. é sempre o mesmo, faz tudo a despachar e é uma pena, porque ele até consegue. Vou só dar aqui um jeitinho porque assim como está não vai dar a ideia pretendida.

Porque razão a auxiliar sentiu a necessidade de retocar as pinturas feitas pelas crianças?

Não será natural que todos os espaços não fiquem bem preenchidos, quando a pintura é realizada por crianças com 5 anos?

Os pais não se questionarão de que tudo está sempre perfeito?

Agindo desta maneira a auxiliar está a alterar o trabalho realizado pela criança. Desta forma a expressão plástica não tem sentido, esta deve ser realizada livremente e ao gosto da criança. Mais uma vez, não nos podemos esquecer que o que é perfeito para uns não é para os outros. Segundo Lowenfeld citado por Sousa (2003,p.182) “[o educador, não deve] «corrigir» ou «ajudar» a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe a personalidade do adulto.

**Nota de campo nº - 10**

**Data** – 6 de maio de 2013

**Local** – Sala dos 5 anos

**Intervenientes** – Educadora, auxilia e eu

No decorrer de uma atividade de expressão plástica – Pintura com balões

Depois do intervalo a ed. pediu para todos se sentarem nos lugares a fazerem um desenho livre e explicou que iria chamar dois a dois para irem fazer a pintura dos balões acompanhados dela e da aux.

Na altura de pintar com os balões a ed. chamou duas crianças, uma está a trabalhar com a aux. e outra com ela.

Ed. – L. (aux.) fazemos assim, (exemplificando com a criança), pomonos por trás deles e com a ajuda da nossa mão carimbamos com os balões, porque se fizerem sozinhos estás a ver como tudo vai ficar.

Aproximei-me para tirar algumas fotografias para o meu registo, e a ed. disse-me:

Ed. – Maria José deixe-me tirar a mão (que estava por cima da mão da criança), porque assim dizem que eles não fazem nada sozinhos!(Riu-se)

Nesta altura a aux. fez o mesmo.

Porque razão as crianças não podem fazer como sabem?

Não deveriam as crianças poder explorar sozinhas sem medo de errar?

O que deveria ser uma atividade diferente, passou a ser um simples carimbar de bolas com ajuda e sem tempo para experimentarem sozinhos porque é um grupo de 28 crianças.

Não poderia a educadora deixá-los experimentar numa folha de papel à parte, sem ter que estar preocupada se se estraga o desenho, podendo assim as crianças desfrutar desta nova técnica?

O que acrescentou às crianças deste grupo tal atividade?

Os pais não se questionarão de que tudo está sempre perfeito?

O registo fotográfico acabou por não registar uma cena real, pois na realidade a criança não estava a pintar sozinha como mostra a foto.

Lowenfeld(1970), diz-nos que não se deve mostrar à criança como se deve fazer, como se desenha ou pinta. Diversas técnicas “deverão ser colocadas ao serviço da satisfação

das necessidades da criança, nunca constituindo áreas de ensino de «como se faz» de «como se deve fazer». São áreas de completa liberdade de exploração criativo-expressiva e não de aprendizagem de execução técnica.(Sousa, 2003, p.183) ou seja, se um educador pretende fazer atividades de expressão plástica com as crianças, não deve estar preocupado se as crianças poderão estragar algo que já foi feito, assim as crianças não disfrutam de novas experiências e limitam-se a fazer com a ajuda do adulto que comanda fazendo com que a sua expressividade que fica anulada.